adf
AFRICA DEFENSE FORUM

DEFENDENDO-SE DE AMEAÇAS HÍBRIDAS

Como as Tácticas de Alta Tecnologia e Emergentes Colocam os Países Africanos em Perigo

PLUS

Grupos Terroristas Testam Drones Usados Como Arma

A Promessa e o Perigo das Redes Socias

VISITE-NOS EM: ADF-MAGAZINE.COM

ÍNDICE

50

reportagens

8 Defendendo os Portões Digitais
Hackers apoiados pelo Estado ameaçam infra-estruturas, economias e soberanias nacionais.

14 Colaboração Numa Guerra Sem Fronteiras
Uma conversa com Dr. Jabu Mtsweni, do Conselho de Pesquisa Científica e Industrial da África do Sul.

18 O Cabo Esquecido
Geografia, história, política e erros, juntos, desempenham um papel no aumento do extremismo violento na província moçambicana de Cabo Delgado.

24 Silenciando a Discordância
Desligamentos, legislação e influência estrangeira fazem parte do esforço para censurar a expressão.

32 Minas Terrestres Assombram o Zimbabwe 40 Anos Depois da Guerra
Aquele país da África Austral espera estar livre de minas até 2025.

38 Como Capturar Um Estado
As tácticas híbridas da Rússia para exercer controlo na República Centro-Africana constituem um alerta ao continente.

44 Drones Podem Ser Armas Mortais para os Extremistas
Terroristas estão a utilizar drones para identificar alvos e fazer vigilância em África. O próximo passo será utilizá-los como armas.

50 Enfrentando Inimigos de Alta Tecnologia
Extremistas estão a utilizar tecnologia, redes sociais e videogames nos seus ataques.

colunas

4 Pontos de Vista

5 Perspectiva Africana

6 África Hoje

30 Batimento Cardíaco Africano

56 Cultura e Desporto

58 Perspectiva Internacional

60 Defesa e Segurança

62 Caminhos da Esperança

64 Crescimento e Progresso

66 Retrospectiva

67 Onde Estou?

A Africa Defense Forum está disponível online.

Por favor, visite-nos em:
adf-magazine.com

NA CAPA:
O continente enfrenta uma variedade de ameaças não tradicionais, incluindo ataques cibernéticos, drones e guerra de informação. Os profissionais do sector de segurança devem estar preparados para enfrentar essas ameaças híbridas.

ILUSTRAÇÃO DA ADF

Às vezes, são as ameaças não esperadas que causam o pior dano. Um ataque cibernético pode paralisar as redes de distribuição de energia de um país. A desinformação pode enviar protestantes para as ruas e alimentar instabilidade civil. Pequenos drones adquiridos nas lojas podem causar explosões de bombas mortais.

Conhecidas como ameaças híbridas, estes ataques são difíceis de conter ou atribuir a um grupo específico. Muitas vezes, actores em representação de outros levam a cabo os seus ataques para esconder a sua origem. Eles aparentam ser o trabalho de um pequeno grupo de criminosos locais, mas, na realidade, um poder estrangeiro ou um grupo extremista está a dar as ordens à distância.

Estes ataques não tradicionais estão a tornar-se na ferramenta de eleição de grupos que querem causar um maior impacto a um baixo custo. Os profissionais de segurança devem estar preparados.

Por exemplo, com mais de 500 milhões de utilizadores da internet, África é uma terra fértil para criminosos cibernéticos. Tais ataques cibernéticos, muitas vezes, em pequena escala, lesaram o continente em aproximadamente 4 bilhões de dólares em 2021 e reduziram o produto interno bruto nacional em 10%.

Mas os ataques cibernéticos são mais do que apenas uma preocupação económica. Também constituem um problema de segurança.

Durante o ano passado, os sistemas informáticos que operam os maiores portos e linhas férreas comerciais da África do Sul foram atacados. As agências governamentais resistiram a repetidos ataques de ransomware. Em todo o continente, piratas informáticos colocaram infra-estruturas de extrema importância e dados governamentais na sua mira.

Da mesma forma, poderes estrangeiros utilizam campanhas de desinformação impulsionadas de forma digital para desestabilizar países vulneráveis. A Rússia, que enviou mercenários para República Centro-Africana, Líbia e Sudão, está a apoiar os combatentes com campanhas de rádio, televisão e internet. Geralmente, essas campanhas estão preparadas para gerar ira e confusão nos países-alvo a fim de beneficiar interesses russos.

Por último, a proliferação de tecnologia de drones baratos possui inúmeras aplicações valiosas quando utilizados para ciência, vigilância e entrega de bens. Mas os grupos extremistas têm a intenção de utilizar os drones para fazer ataques com dispositivos explosivos improvisados. Os terroristas já utilizam estas tácticas no Médio Oriente com resultados devastadores. Observadores acreditam que é apenas uma questão de tempo para os extremistas utilizarem as mesmas tácticas em África.

Os profissionais de segurança africanos estão numa corrida para responder a essas ameaças. O ensino militar contínuo e cursos de habilidades serão fundamentais para este esforço, assim como será a habilidade para abraçar novas tecnologias. Uma geração de soldados jovens e versados em informática pode desempenhar um papel importante nesta luta.

A criatividade e a motivação dos nossos adversários para desenvolver novos modos de ataque não conhece limites. Mas também não tem limites a nossa decisão de derrotar essas ameaças. Dependendo de formação, fortes parcerias e habilidade de adaptar-se, não existe alguma ameaça que não possamos prever e conter.

Equipa do Comando Africano dos Estados Unidos

Soldados da Escola de Engenheiros Militares do Exército Nigeriano, em Makurdi, praticam exercícios de detenção e neutralização de dispositivos explosivos improvisados.

FORÇA-TAREFA DO SUL DA EUROPA, ÁFRICA

adf
AFRICA DEFENSE FORUM

Ameaças Híbridas
Volume 15, 2º Trimestre

COMANDO AFRICANO DOS ESTADOS UNIDOS

CONTACTOS:

U.S. AFRICA COMMAND

Attn: J3/Africa Defense Forum
Unit 29951
APO-AE 09751 USA

ADF.Editor@ADF-Magazine.com

HEADQUARTERS U.S. AFRICA COMMAND

Attn: J3/Africa Defense Forum
Geb 3315, Zimmer 53
Plieninger Strasse 289
70567 Stuttgart, Germany

Africa Defense Forum (ADF) é uma revista militar profissional que serve como um fórum internacional para militares e especialistas em segurança em África. As opiniões expressas nesta revista não representam necessariamente as políticas ou pontos de vista deste comando ou de qualquer outra agência governamental dos EUA. Certos artigos são escritos pela equipa da ADF, e os créditos para outros conteúdos são anotados conforme necessário. A secretaria de defesa determinou que a publicação desta revista é necessária para difundir assuntos de natureza pública exigidos por lei ao Departamento de Defesa.

Garantindo a Segurança Entre Vizinhos

AFP/GETTY IMAGES

O Presidente Mokgweetsi Masisi, do Botswana, proferiu um discurso aos soldados das Forças de Defesa do Botswana no Aeroporto Internacional Sir Seretse Khama, em Gaberone, no dia 26 de Julho de 2021, *quando se preparavam para sair ao serviço da Missão da Comunidade para o Desenvolvimento da África Austral em Moçambique. O seu discurso foi editado para se adequar a este formato.*

Membros das Forças de Defesa do Botswana escutam o Presidente Mokgweetsi Masisi, no Aeroporto Internacional Sir Seretse Khama, em Gaberone, antes da sua partida para Moçambique.

GABINETE DO PRESIDENTE DA REPÚBLICA DO BOTSWANA

Estou aqui perante vocês como o comandante em chefe das Forças de Defesa do Botswana [BDF] e actual Presidente do Órgão de Política, Defesa e Segurança da SADC [Comunidade para o Desenvolvimento da África Austral]. É uma instituição formal da SADC, cujo lançamento foi feito em Junho de 1996, com um mandato claro de apoiar o alcance e a manutenção da segurança e do Estado de direito na região.

Hoje este mandato está a ser colocado à prova por um ambiente geopolítico e de segurança que não é diferente daquele dos anos de formação dos nossos países, durante os anos da minoria do regime do Apartheid. Independentemente de quão complexa a situação da segurança na região da SADC possa ser, assim como no passado, os objectivos políticos estrangeiros do Botswana foram e continuam muito claros. A segurança do Botswana nunca pode ser alcançada sem a segurança dos seus vizinhos. Quando o Botswana assumiu a liderança da tróica do Órgão de Política, Defesa e Segurança da SADC, defini o papel do nosso país na liderança dos esforços da nossa região para consolidar a estabilidade na política, defesa e segurança, aplicando o nosso capital diplomático e de segurança universais para os problemas que assolam a nossa região.

Hoje testemunhamos mais uma meta nos nossos objectivos de impulsionar a agenda da paz na nossa região, ao seguir o mandato da SADC que visa facilitar as condições pacíficas no norte da República de Moçambique, em Cabo Delgado em particular. É por esta razão que estou aqui esta amanhã para dirigir-me aos membros das Forças de Defesa do Botswana que, como parte da Força de Intervenção da SADC, serão destacados para fornecer apoio regional a Moçambique para combater a crescente ameaça de terrorismo e os actos de extremismo violento na região de Cabo Delgado, no norte daquele país, como um elemento da Missão da SADC em Moçambique, SAMIM.

Conforme afirmado inicialmente, o nosso compromisso para a paz regional e internacional como país continua firme e inalterado, conforme evidenciado pela participação anterior invejável das BDF em operações de manutenção da paz na Operação de Restauração de Esperança na Somália, na ONUMOZ I e II [Operação das Nações Unidas em Moçambique], como parte da missão de observação da ONU em Ruanda, e Boleas, em Lesoto.

Nestes destacamentos, as BDF receberam avaliações muito positivas da sua conduta profissional na execução das suas funções militares e também como verdadeiros e sinceros embaixadores dos valores históricos e nacionais duradouros do Botswana de ser uma sociedade baseada no direito. Este continua a ser o legado histórico dos seus predecessores e o papel que agora vocês têm de desempenhar — todos vocês. Eu, por conseguinte, imploro a todos para imitarem estes predecessores, que participaram nas missões de paz anteriores, exibindo os mais elevados padrões de profissionalismo durante este destacamento como carregadores da bandeira do Botswana em Moçambique.

Como vosso comandante em chefe, estou ciente do facto de que vocês estarão a enfrentar um inimigo enganador que tem a tendência de utilizar guerra assimétrica, não convencional, e tácticas de guerra desleais contra vocês e contra a população que vocês estarão a proteger. Como profissionais, vocês representam muito mais do que eles e devem evitar imitá-los e baixar ao seu nível. E, sim, toda a vossa formação será colocada em evidência.

Por isso, exijo nada menos de vocês do que a observação das leis de conflito armado, conforme prescrito internacionalmente na vossa profissão de armas, assim como o acordo do estatuto das forças, que estabelece a estrutura sobre a qual o pessoal da SAMIM irá operar em Moçambique. Estou totalmente confiante de que vocês irão executar a vossa tarefa de forma imparcial e não farão nada que irá manchar a boa imagem das Forças de Defesa do Botswana.

PRODUTORES DE AMENDOIM DA RCA ENFRENTAM AMEAÇAS E ROUBO

TEXTO E FOTOS DA AGENCE FRANCE-PRESSE

Para muitos produtores de amendoim na região de Paoua, na República Centro-Africana, a vida é uma batalha diária. Eles têm de arrancar as plantas da terra, colher o amendoim e descascá-lo. Depois têm de sobreviver aos roubos, extorsão ou pior numa região onde os rebeldes e as forças pró-governo estão em guerra.

"O que está a impedir que nós desenvolvamos mais as plantações de amendoim em Paoua é a insegurança," Jean-Paul Ndopaye, gestor de um armazém de amendoim, disse à Africanews. "Quando queremos enviar os nossos bens para Bangui, Berberati ou Bouar, podemos encontrar bandidos na estrada."

"Existem muitas ameaças e roubos," disse Celestine Inforo, de 33 anos de idade, descascando amendoim juntamente com outras dezenas de pessoas nos arredores de Paoua, uma cidade de 40.000 habitantes. "Tivemos de vender a nossa produção de forma muito rápida e a preços muito baixos."

Inforo e seus colegas cada um enche vários sacos em algumas horas, depois um par de bois os transporta para um armazém seguro que lhes foi emprestado pela organização não-governamental, Oxfam. Fora do armazém, cada saco é pesado e registado entre 35 e 45 quilogramas.

Na cidade, um saco de amendoim descascado é vendido a cerca de 10.000 francos CFA, cerca de 17 USD. Na capital, Bangui, um saco é vendido por entre 20.000 e 30.000 francos CFA, diz Jean-Paul Ndopaye, Presidente da União de Produtores de Arroz de Paoua.

A produção excede muito a demanda da região, fazendo com que os preços reduzam, e 80% da população da cidade trabalha na indústria do amendoim.

Homens pesam um saco de amendoim em Paoua, República Centro-Africana. Um saco que pesa 35 a 45 kg será vendido a 17 dólares.

A RCA tem vindo a enfrentar uma guerra civil desde 2013. O conflito diminuiu em intensidade nestes últimos anos, mas voltou a aumentar durante as últimas eleições presidenciais, em finais de 2020.

Na sombra de uma mangueira, mulheres transformam amendoim em óleo, manteiga e paus de "kuli-kuli," que possuem um elevado conteúdo nutritivo. Umas torram amendoim. Outras batem a manteiga do amendoim numa tábua de madeira.

"O problema está no processamento," disse Mahoua Coulibaly, gestora local do Programa Mundial de Alimentação. "É nisso que se deve investir para o bem-estar da população, mas neste momento não há fundos."

Crianças Ugandesas Regressam à Escola Depois de Aproximadamente 2 Anos

EQUIPA DA ADF

O Uganda terminou o mais longo encerramento de escolas do mundo, no dia 10 de Janeiro de 2022, ordenando milhares de alunos para regressarem às aulas, aproximadamente dois anos depois de as aulas terem sido suspensas por causa da COVID-19.

Os alunos regressaram às escolas encerradas em Março de 2020 quando a COVID-19 assolou o mundo.

"Estou tão feliz porque tinha saudades da escola, dos meus professores, meus amigos e meus estudos," Nawilah Senkungu, de 10 anos, disse à Agence France-Presse (AFP), na Escola Primária de Nakasero, em Kampala, onde os professores encorajaram os alunos a usarem máscaras e lavarem as mãos.

O Ministro da Educação, John Muyingo, disse que todos os alunos do ensino primário e secundário iriam regressar às aulas um ano acima de onde pararam.

"Todas as escolas implementaram directrizes e procedimentos de operação padrão para garantir a retoma segura das crianças às aulas e foram colocadas em vigor medidas para garantir que aqueles que não as obedecem as obedeçam," disse Muyingo, de acordo com Taarifa, um serviço ruandês de notícias.

Apesar destas garantias, alguns pais foram cautelosos na sequência da continuação das infecções. Uma semana depois da reabertura, algumas escolas estiveram abaixo de 50% do número normal de alunos matriculados, de acordo com o jornal The Independent, do Uganda.

Alguns gestores afirmam que os pais esperaram para evitar pagar propinas escolares até que tivessem a certeza de que os seus filhos estariam seguros. Dovicko Kisembo, diretor da Escola Secundária de Mubuku Valley, na cidade de Mubuku, disse ao The Independent que muitos pais estavam preocupados que as autoridades iriam anunciar um outro confinamento obrigatório por causa do aumento dos casos da COVID-19.

Muyingo disse que qualquer escola que exigir taxas acima das cobradas antes da pandemia será sancionada.

O encerramento afectou pelo menos 10 milhões de alunos do ensino primário e secundário e durou 83 semanas, de acordo com o órgão de ensino e cultura das Nações Unidas, UNESCO. Nawilah passou o longo encerramento cuidando de galinhas e cultivando a terra na pequena machamba dos seus avós.

"Estou muito feliz de ver os meus filhos já regressarem à escola" seu pai, Siraj Senkungu, disse à AFP. "Eles tinham saudades dos seus professores e das aulas"

Alunos estudam as suas lições, em Janeiro de 2022, na Escola Primária de Sweswe, na região ocidental do Uganda, depois da reabertura das escolas.

ANTIGO HOTEL, UMA MEMÓRIA *Dolorosa do Passado da Libéria*

AGÊNCIA FRANCE-PRESSE

Uma brochura mostra o hotel em todo o seu antigo esplendor.

AFP/GETTY IMAGES

Quando abriu em 1960, o hotel Ducor, em Monróvia, Libéria, era um dos únicos hotéis de cinco estrelas em África, orgulhando-se de ter uma discoteca e salas com ar-condicionado, de acordo com guias turísticos.

Recebeu VIPs como o antigo imperador etíope, Haile Selassie. Os visitantes ficavam no lounge próximo da piscina, tomavam coquetéis e viam o pôr-do-sol no Oceano Atlântico.

O Ducor fechou as portas em 1989, com a eclosão de guerras civis consecutivas, que decorreram de 1989 a 1997 e de 1999 a 2003. E rapidamente degradou-se.

"Deixa todos tristes," disse Ambrose Yebea, um ministro de turismo aposentado que anteriormente oferecia visitas ao hotel.

Muitos dos líderes de África ficaram no Ducor durante a década de 1960 e 1970, com várias reservas de quartos durante a conferência de 1979 da Organização da Unidade Africana, havida em Monróvia.

Em 2011, a então Presidente Ellen Johnson Sirleaf efectuou a entrega do Ducor à Libyan African Investment Co. (LAICO), uma subsidiária do fundo soberano da riqueza da Líbia, como parte de um plano de reabilitação.

De acordo com um comunicado do governo de 2011, o hotel reabilitado teria 151 quartos, restaurantes, centro comercial, uma quadra de ténis e um casino e iria garantir empregos.

Contudo, o projecto, que contava com um outro plano de desenvolver uma fábrica de processamento de borracha, avaliado em 65 milhões de dólares, caiu por terra. A Libéria cortou ligações com a Líbia em 2011 quando o país entrou numa guerra civil. O trabalho de reabilitação parou.

"Foi um grande choque para nós," disse Frank Williams, um trabalhador que disse que tinha sido uma das 150 pessoas empregadas pela LAICO. "Hoje estamos sem emprego."

O projecto esteve parado desde então, e o seu futuro é incerto.

Algumas pessoas ainda têm esperança de ver o Ducor a renascer. Yebea, o funcionário do sector de turismo aposentado, disse que iria atrair turistas e gerar empregos.

"Todos os liberianos pensam da mesma forma," disse. "Eles querem que o hotel seja reabilitado."

Defendendo os PORTÕES DIGITAIS

Hackers Apoiados pelo Estado Ameaçam Infra-estruturas, Economias e Soberanias Nacionais

EQUIPA DA ADF

Os guindastes que descarregam contentores de navios em dois dos portos mais movimentados da África do Sul baixaram o seu ritmo e quase que pararam em Julho de 2021. Camiões esperaram na fila por 14 horas ou mais para levar a carga. Os navios foram obrigados a ancorar fora do porto durante dias e decidir se iriam evitar definitivamente os portos afectados. Proprietários de lojas e consumidores ficaram preocupados com estantes vazias quando a época de compras de maior preferência se aproximava.

"Isso não podia ter ocorrido num tempo pior," disse Denys Hobson, analista de logística e de preços do banco sul-africano, Investec. "Se nada puder entrar ou sair do país, haverá ramificações económicas graves."

A interrupção foi causada por um ataque cibernético. Os piratas informáticos tinham-se infiltrado na rede da Transnet, a empresa estatal que opera os portos de Durban, Cidade do Cabo e outros, assim como a empresa de caminhos-de-ferro e de redes de gasodutos da África do Sul. Incapaz de cumprir com as suas obrigações contratuais por mais de uma semana, a empresa foi obrigada a rescindir os seus contratos até que os ataques fossem resolvidos.

As notícias divulgadas davam conta de que "Death Kitty," um grupo de piratas informáticos do leste da Europa ou Rússia, reivindicou o ataque, que utilizou uma técnica que é habitualmente conhecida por ransomware, porque congela um sistema de computador até que seja pago um resgate.

Foi o ataque mais grave já perpetrado contra infra-estruturas de extrema importância da África do Sul, mas especialistas alertam que não será o último.

"Ataques a infra-estruturas de extrema importância, incluindo portos marítimos, tendem a aumentar em gravidade e em quantidade," escreveu Denys Reva para o Instituto de Estudos de Segurança. "O

“Ataques a infra-estruturas de extrema importância, incluindo portos marítimos, tendem a aumentar em gravidade e em quantidade.” *~ Denys Reva, Instituto de Estudos de Segurança*

prejuízo económico para os Estados africanos será inevitavelmente alto, o que significa que as medidas para reforçar a segurança cibernética e proteger as infra-estruturas são de vital importância.”

Um País em Risco

No primeiro trimestre de 2021, a África do Sul foi atingida muito mais forte por ataques de ransomware do que qualquer outro país do continente, de acordo com o Relatório de Avaliação de Ameaças Cibernéticas Africanas, da Interpol.

As agências governamentais encontram-se entre as que estão em maior risco.

Em Setembro de 2021, um ataque obrigou o Departamento de Justiça e Desenvolvimento Constitucional da África do Sul a encerrar o seu sistema de tecnologia de informação (TI), que armazena informação incluindo ficheiros pessoais. Num incidente separado, nesse mesmo ano, a Escola Nacional do Governo teve de encerrar o seu sistema de TI durante 2 meses, o que lesou a instituição de formação do governo em cerca de 2 milhões de rands. Mesmo o presidente do país ficou afectado por piratas informáticos que infiltraram o seu telemóvel.

Especialistas em matéria de cibersegurança alertam que as instituições do governo da África do Sul agora estão directamente na mira dos piratas informáticos.

“A combinação de tecnologia antiga, financiamento inadequado e falta de informação, aliados ao elevado valor dos dados que estas organizações detêm, faz com que sejam uma mina de ouro para os maus actores,” escreveu Saurabh Prasad para o IT-Online, da África do Sul.

A Interpol concluiu que as organizações africanas registaram um aumento de 34% em ataques de ransomware no primeiro trimestre de 2021, o mais elevado que já foi registado em relação a qualquer parte do mundo. As instituições governamentais ficaram para atrás na corrida para proteger as suas infra-estruturas de TI e devem recuperar, aconselhou Prasad.

“O ambiente de ameaças também está a evoluir muito mais rapidamente do que a capacidade das organizações do governo de manterem-se a par da tecnologia, o que faz com que sejam um alvo fácil, rentável e, por isso, muito atractivo,” escreveu Prasad.

Camiões e navios de carga perfilam-se no Porto de Durban, depois de a empresa estatal Transnet ter sido atingida por um ataque cibernético, em Julho de 2021. AFP/GETTY IMAGES

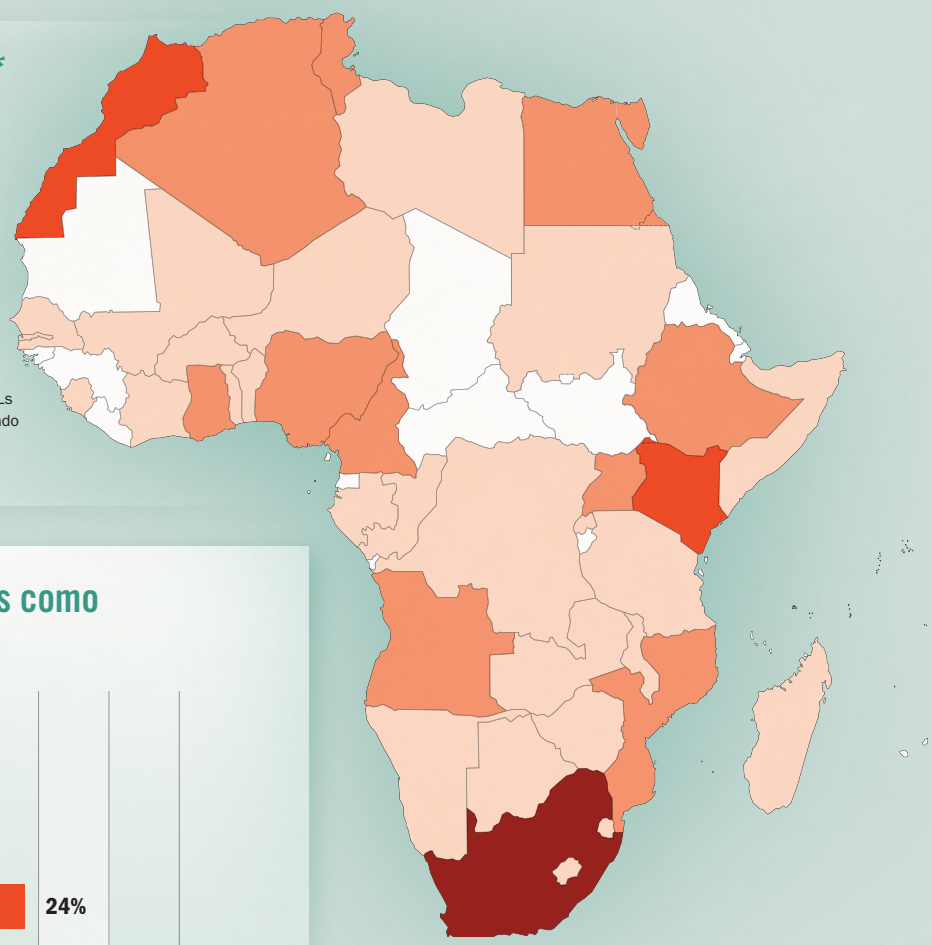
Detecção de Ameaças por País*

- menos de 1 milhão
- 1 milhão – menos de 10 milhões
- 10 milhões – menos de 50 milhões
- 50 milhões – menos de 100 milhões
- 100 milhões e mais

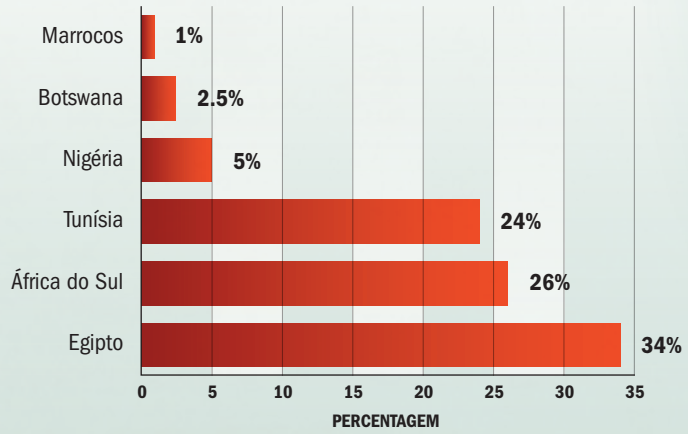
Fonte: Trend Micro

*O número de ameaças detectadas nos ficheiros, e-mails ou URLs desde Janeiro de 2020 até Fevereiro de 2021 conforme registado pela Trend Micro, uma empresa de criação de softwares de cibersegurança que faz parceria com a Interpol

.



Ransomware Detectado por País como Percentagem do Total de África

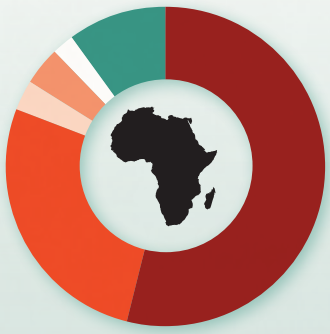


Fonte: Trend Micro, 2021

Um navio atraca fora do porto da Cidade do Cabo, depois de o porto ter sido atingido por um ataque cibernético, em 2021.

AFP/GETTY IMAGES

Ameaças Mais Comuns Detectadas em África



- Malware..... 54%
- Golpes online..... 27%
- Adware 4%
- Comando e controlo de servidores..... 3%
- Phishing..... 2%
- Outros..... 10%

Fonte: Trend Micro, 2021

Um navio no porto da Cidade do Cabo descarrega contentores. AFP/GETTY IMAGES

Guerra Cibernética Com Apoio do Governo

Embora não se saiba se algum país ou seus representantes estejam por detrás do ataque da Transnet, piratas informáticos apoiados pelo Estado são uma ameaça crescente em África.

Em 2018, piratas informáticos apoiados pelos chineses roubaram e-mails e dados de vigilância de servidores da sede da União Africana em Adis-Abeba, Etiópia. Em 2017, piratas informáticos apoiados pela Coreia do Norte realizaram um ataque global conhecido por Wannacry, que paralisou empresas e instituições públicas de 150 países. Em 2020, piratas informáticos do Egipto atingiram empresas etíopes e agências do governo numa tentativa de interromper a construção da Grande Barragem do Renascimento Etíope.

Em 2021, a Google enviou mais de 50.000 alertas para detentores de contas do mundo inteiro, avisando-os que tinham sido alvo de tentativas de ataques apoiados pelo governo por meio de phishing (roubo de dados pessoais) ou malwares (softwares maliciosos). Um dos perpetradores mais prolíficos, a nível global, é um grupo conhecido como APT35 ou "Charming Kitten" (gatinho charmoso), que tem ligações com o Corpo da Guarda Revolucionária Islâmica do Irão.

Os países africanos estão particularmente vulneráveis para a interferência externa. As empresas chinesas construíram cerca de 80% das redes de telecomunicação do continente. A empresa de telecomunicações, Huawei, que possui fortes ligações com o Partido Comunista Chinês, está a posicionar-se para construir a maior parte da rede 5G do continente. Para além disso, empresas chinesas construíram os sistemas de TI em pelo menos 186 edifícios governamentais em África, incluindo palácios presidenciais, ministérios de defesa e edifícios do parlamento, de acordo com um relatório da Heritage Foundation.

Especialistas afirmam que esta infra-estrutura significa que espiões aliados aos chineses não teriam dificuldades de aceder a dados sensíveis do governo.

"O governo chinês possui um longo histórico de todos os tipos de vigilância e espionagem a nível global," disse Joshua Meservey, analista político sénior para África, na Heritage Foundation. "Por isso, sabemos que este é o tipo de coisas que eles querem fazer, o tipo de coisas que eles têm a capacidade de fazer. Tanto mais que África é suficientemente importante para o fazerem."

Existem vários passos estratégicos que os países africanos podem dar para se protegerem de ataques cibernéticos. Alguns deles são os seguintes:

Criar Salvaguardas Enquanto se Avança

Enquanto os países realizam mais negócios online, e os sectores como transportes, água e electricidade são controlados de forma digital, os piratas informáticos vêem aberturas para causar danos. Os países com

elevadas taxas de penetração de internet tendem a ser os mais vulneráveis. De uma certa forma, esta é uma vantagem para os países africanos, porque muitos deles foram relativamente lentos na adopção da tecnologia digital. Isso lhes oferece uma oportunidade para construir salvaguardas à medida que desenvolvem as suas infra-estruturas de TI.

Os investigadores Nathaniel Allen, do Centro de Estudos Estratégicos de África, e Noëlle van der Waag-Cowling, da Universidade de Stellenbosch, na África do Sul, consideram que os países em vias de desenvolvimento não têm o fardo da antiga arquitectura de softwares ou o "legado de código" que é mais fácil de atacar.

Ao definir boas práticas ainda cedo, os países menos avançados digitalmente podem dar um "salto gigantesco," ultrapassando muitos países maduros em termos cibernéticos, escreveram Allen e Waag-Cowling.

Diversificar os Fornecedores e Criar Capacidade Doméstica

Os países que dependem muito de um único fornecedor externo de serviços podem estar a deixar a porta aberta para os piratas informáticos apoiados pelo Estado. Estima-se que a Huawei tenha fabricado 70% das bases de estações 4G utilizadas no continente. A empresa também é líder nos sistemas de vigilância e de reconhecimento facial vendidos em África.

Enquanto os projectos de infra-estrutura apoiados por chineses proliferam em todo o continente, muitas vezes, vêm acompanhados com a TI, que liga controlos de vários sectores, como água, energia e transportes.

"Isso pode potencialmente criar saídas e caminhos de vulnerabilidades," Waag-Cowling escreveu num artigo para o Comité Internacional da Cruz Vermelha (CICV). "O resultado líquido é a possível perda futura de controlo soberano de facto das infra-estruturas de comunicações, energia, transporte ou de água."

Especialistas encorajam os países africanos a cultivarem relações com uma diversidade de provedores de serviços de TI para evitar o problema de um provedor único.

A concorrência não apenas desafia os piratas informáticos apoiados pelo Estado, mas também leva a uma melhor prestação de serviço aos clientes.

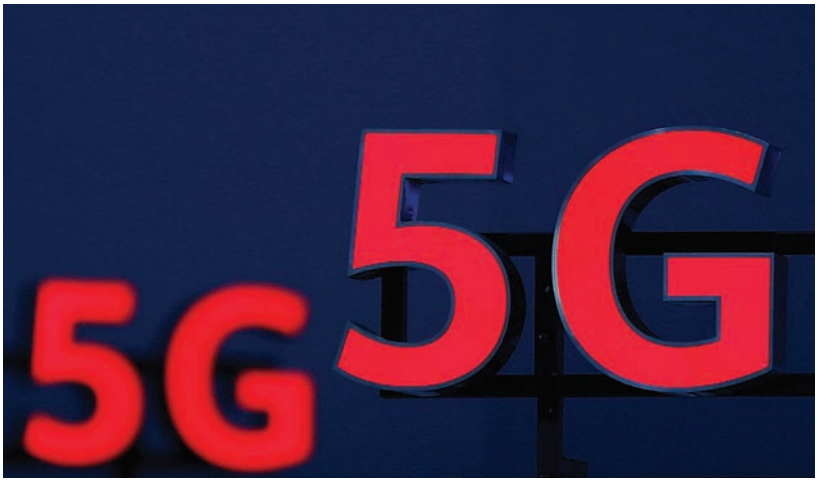
Muitos países africanos também estão a procurar cultivar a capacidade doméstica no sector de TI. Safaricom, a maior empresa de telefonia móvel do Quénia, e a MTN, da África do Sul, são grandes exemplos disso.

A gigante de telecomunicações chinesa, Huawei, fabricou a maior parte das bases de estações 4G utilizadas em África. Especialistas afirmam que este domínio e as ligações próximas da empresa com o governo chinês aumentam o risco de ataques cibernéticos e vigilância. AFP/GETTY IMAGES

Eliminar Pontos Únicos de Falha

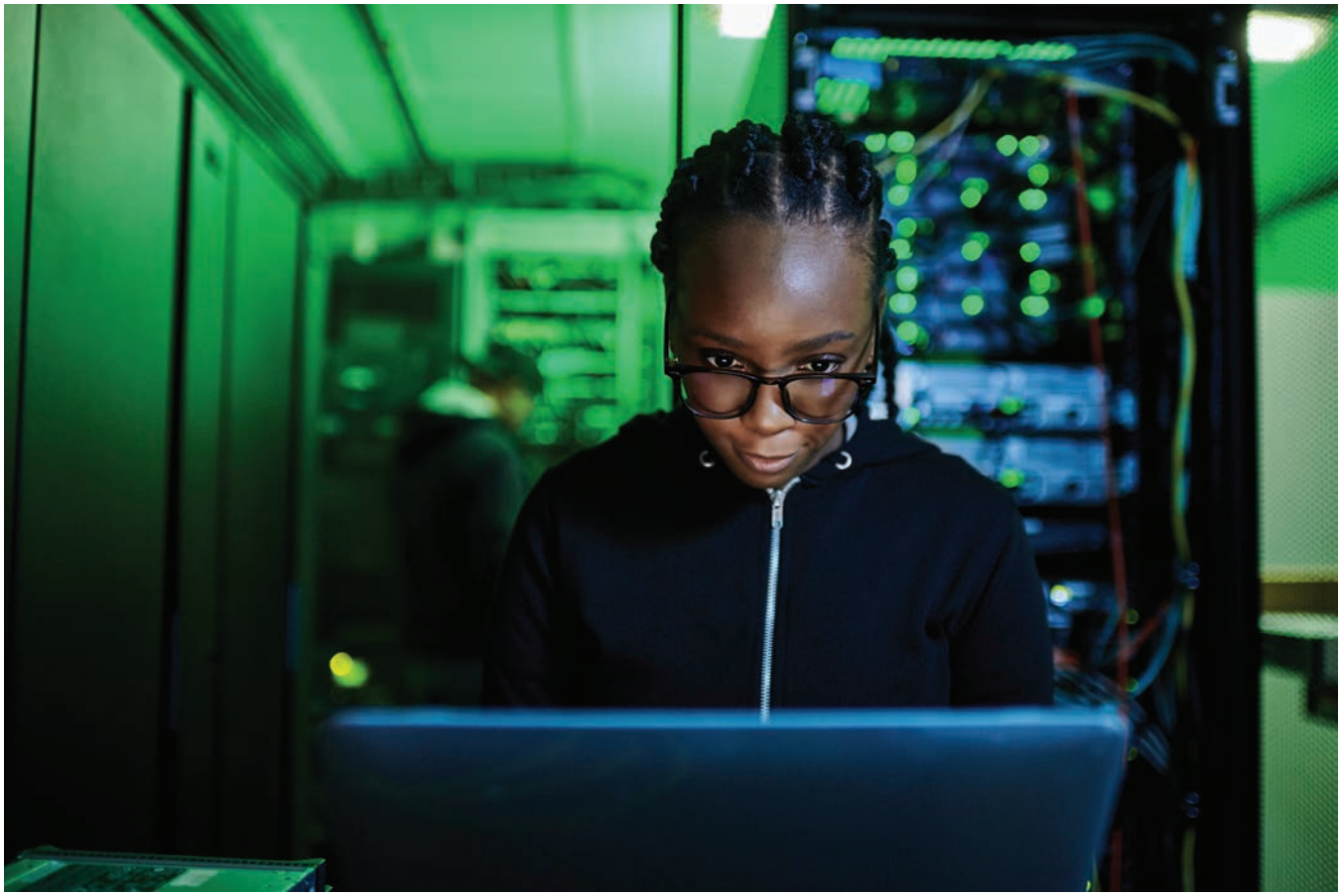
Os especialistas cibernéticos lamentam que muitos sistemas de TI que controlam infra-estruturas nacionais de extrema importância possuem um ponto único de falha. Isso significa que se um servidor, uma rede ou uma instalação for atingida por um ataque, todo o país pode ficar sem serviços vitais, como água ou electricidade. Os defensores apelam os países africanos a construírem redundâncias ou sistemas auxiliares para evitar perda de serviços catastróficos durante um ataque.

"Um ataque contra um ponto único de falha pode causar a interrupção ou a destruição de vários sistemas vitais no país directamente afectado e será um efeito em cascata a nível mundial," disseram as Nações Unidas e a Interpol num "Compêndio de Boas Práticas" para protecção contra ataques cibernéticos. "Isso cria um alvo convidativo para aqueles que pretendem nos prejudicar. Enquanto as nossas cidades e infra-estruturas evoluem, assim também acontece com as armas deles."



A Huawei está a posicionar-se para construir a maior parte das infra-estruturas de 5G de África. 5G é a próxima geração de telemóveis, torres de suporte e outras tecnologias a serem desenvolvidas.

AFP/GETTY IMAGES



Investir nas Capacidades de Detecção/Ofensiva

Muitos países estão a investir em equipas de respostas a emergências informáticas que podem fazer a monitoria de redes nacionais importantes e infra-estruturas críticas. Elas, às vezes, são chamadas de unidades de intervenção primária de um país em caso de um ataque cibernético.

Alguns países, como Nigéria, estão a criar comandos cibernéticos dentro do exército. Especialistas afirmam que é importante que estes comandos desenvolvam capacidades defensivas e ofensivas que permitem que nos possam proteger de ataques e degradar algo que represente uma ameaça antes que esta lance um ataque.

A UA assumiu o papel de liderança em encorajar capacidade cibernética com o seu Grupo de Especialistas de Cibersegurança, mas os observadores estão a apelar para mais cooperação regional.

Waag-Cowling disse que os países africanos podem olhar para isso como uma "manutenção da paz cibernética," através da qual os países podem trabalhar em conjunto para apoiar a cibersegurança nos seus pontos mais fracos. Ela acredita que o exército, particularmente os seus grupos mais jovens e com níveis de ensino mais elevados, podem desempenhar um papel de liderança.

"A actual experiência das 'forças armadas africanas' com conflitos irregulares persistentes pode constituir uma plataforma de base contra ameaças híbridas de guerra," escreveu Waag-Cowling para o ICRC. "Uma população jovem, urbanizada e versada em tecnologia deve complementar futuras estratégias de defesa cibernética."

O desafio é enorme. Se os países africanos forem vistos como um alvo fácil, os piratas informáticos irão atacá-los, alertou Waag-Cowling.

"A defesa cibernética é, até certo ponto, dependente de os atacantes acreditarem que existem indicações suficientes da capacidade de um Estado responder a ataques," escreveu. "Na essência, o poder do Estado está na percepção do seu poder. Um compromisso comprovado e aprofundado para fazer avançar os esforços de segurança cibernética continental é, por conseguinte, uma necessidade. A prosperidade futura de África e a segurança do seu povo dependem disso." ❑

"A actual experiência das 'forças armadas africanas' com conflitos irregulares persistentes pode constituir uma plataforma de base contra ameaças híbridas de guerra"

~ Noëlle van der Waag-Cowling , Universidade de Stellenbosch, África do Sul

COLABORAÇÃO
NUMA GUERRA SEM FRONTEIRAS

ADF STAFF

FORÇAS DE SEGURANÇA AFRICANAS DEVEM TRABALHAR JUNTAS PARA ENFRENTAREM AMEAÇAS EMERGENTES

***Dr. Jabu Mtsweni** é o gestor do Centro de Pesquisa de Informação e Cibersegurança no Conselho de Pesquisa Científica e Industrial (CSIR), em Pretória, África do Sul. Mtsweni falou à ADF sobre os tipos de ameaças cibernéticas que os países africanos enfrentam e como se preparar melhor para abordá-las. Os seus comentários foram editados para se adequarem a este formato.*

ADF: Por favor, fale-nos um pouco sobre o seu historial em questões ligadas à cibersegurança, como a sua educação e formação profissional.

Mtsweni: O meu historial é em ciências de computação, a minha licenciatura assim como a minha pós-graduação, e o meu doutoramento inclui ciências de computação, mas não centrado inicialmente em cibersegurança. Comecei a envolver-me ou a especializar-me em cibersegurança por volta do ano de 2014. Mas trabalhei em vários aspectos de cibersegurança em pequenas formas desde 2003 ou por aí. Estive envolvido em várias iniciativas como liderar um grupo de investigadores — cerca de 15 deles — com enfoque forte em apoiar o exército em questões ligadas à guerra cibernética e capacitações. Agora apoio uma equipa muito mais grande — cerca de 70 pessoas — onde nos centramos no apoio ao Departamento de Defesa da África do Sul e em outros países, mas lidando com questões ligadas à cibersegurança em geral, no sector público assim como no sector privado.

ADF: Explique-nos em poucas palavras o que o CSIR faz e a sua função como gestor do Centro de Pesquisa de Informação e Cibersegurança, CSIR.

Mtsweni: O CSIR é uma empresa nacional do governo, que se centra simplesmente na pesquisa e desenvolvimento de vários domínios socioeconómicos — pode ser água, energia, meio ambiente, saúde, questões ligadas à segurança e bem-estar, questões logísticas, questões ligadas a locais inteligentes, TICs [tecnologias de informação e comunicação]. A minha área específica de enfoque é obviamente na defesa e segurança, onde lidero o Centro de Pesquisa de Informação e Cibersegurança, onde o nosso enfoque central está na pesquisa e inovação de novas formas de nos proteger a nós e a nossa organização militar, assim como criar algumas tecnologias em forma de protótipo e posteriormente comercializar parte da nossa PI [propriedade intelectual] local.

ADF: Qual é a maior e mais prevalecente ameaça de cibersegurança no continente africano e como os países devem combatê-la?

Mtsweni: Penso que a maior ameaça é, obviamente, o risco para a soberania dos países sob o ponto de vista de espaço digital. Em outras palavras, onde o espaço digital da soberania dos países estiver comprometido, quer através de violação de dados, através de questões de ransomware e através de roubo de PI, a propriedade intelectual, ou informação sensível dos países africanos. Esta ameaça é grande, porque na geopolítica também tem a ver com a influência, onde os vários países podem querer influenciar a política ou qualquer outra coisa em África. Por isso, a questão de dados e informação ser roubada ou ser comprometida torna-se a maior ameaça em África.

A principal actividade ou medida que os exércitos africanos precisam de tomar tem a ver com a criação de capacidades do espaço cibernético. E quando falamos sobre criação destas capacidades, não estamos apenas a falar sobre tecnologia; não estamos a falar apenas sobre dados. Mas estamos a falar sobre todo o espectro, onde as pessoas são capacitadas para compreenderem o domínio cibernético; é como formar pessoas para talvez guarnecerem um espaço aéreo ou guarnecerem a terra ou o mar. Precisamos de impulsionar a capacidade para capacitar as nossas forças para serem capazes de compreender o mundo cibernético.

Também precisamos de implementar processos do ponto de vista de políticas e ter estratégias cibernéticas que irão combater de forma proactiva algumas dessas ameaças. Precisamos de compreender os nossos dados. Os países precisam de compreender o que é que estão a proteger, porque é muito difícil proteger aquilo que você não compreende. Se comparar isso à terra ou ao ar e talvez ao mar, é muito fácil indicar os activos que se está a proteger, mas no mundo cibernético um pouco mais amplo, por isso, o âmbito é um pouco mais amplo. Por conseguinte, precisamos de mais consciencialização, mas também mais e mais formação. E, claro, precisamos de recursos e ferramentas que nos possam ajudar a sermos capazes de proteger a nós próprios e sermos capazes de deter ameaças quando elas estiverem a vir do ciberespaço.

ADF: De que formas, caso existam, o CSIR ou qualquer uma das suas divisões aconselha e presta assistência à Força Nacional de Defesa da África do Sul nestes tipos de questões de cibersegurança de que estamos a falar?

Mtsweni: O CSIR é aquilo que chamamos de comprador inteligente independente, um conselheiro de utilizadores inteligentes de várias entidades governamentais, e no espaço do exército, particularmente na informação e guerra cibernética, desempenhamos um papel extremamente importante. Por exemplo, isso inclui a criação de protótipos para o exército para que possamos

compreender melhor como algumas destas capacidades podem ser disponibilizadas para uso em ambientes da vida real. Fazemos muita pesquisa e desenvolvimento para eles, para que possam compreender o ambiente de ameaças. Também fazemos muito trabalho em termos de aconselhá-los em algumas das tecnologias que eles devem utilizar ou não utilizar, como se podem proteger de várias ameaças presentes no espaço cibernético e depois, obviamente, apoiá-los a fortalecer algumas destas capacidades de modo a proteger o país e seus cidadãos.

Existem vários exemplos, mas a maior parte do trabalho é sigiloso, por isso, não posso falar muito sobre os trabalhos ou projectos específicos em si, mas posso falar em termos gerais. Em termos de formação, temos apoiado o exército, e existem várias forças que foram formadas, capacitadas pelo CSIR para lidarem com questões do espaço cibernético. Prestamos assistência ao exército para também compreender a importância de montar as suas próprias infra-estruturas. E, por vezes, somos solicitados para aconselhá-los em vários assuntos ligados ao seu domínio.

ADF: Em termos mais amplos, o que os países africanos devem fazer para garantir que infra-estruturas nacionais de extrema importância, como as redes eléctricas e de fornecimento de água, estejam protegidas de ataques cibernéticos?

Mtsweni: Penso que uma das coisas fundamentais que fizemos no continente africano, mas claramente no espaço da defesa africana, é a questão da colaboração. Penso que quando se trata do espaço cibernético, o exército de um país para o outro geralmente não trabalharia em conjunto a menos que estivessem a lutar contra o mesmo inimigo. Mas no espaço cibernético, penso que a colaboração é muito, muito fundamental. Por que é importante? Porque as ameaças são quase as mesmas no espaço cibernético e, quando colaboramos, podemos então ser capazes de partilhar as ameaças.

A outra coisa que é fundamental é a questão da consciencialização situacional. É difícil proteger aquilo que não conhecemos ou reagir a incidentes que não podemos ver. Por isso, é importante que tenham esta consciencialização situacional, através de edifícios e estruturas, como o nosso centro nacional de resposta de incidentes cibernéticos ou equipas de resposta de segurança informática. Acima de tudo isso, ter políticas reais que atribuam mandato ou clarifiquem o que o exército precisa de fazer ou não fazer porque no domínio cibernético, encontramos o lado dos civis, o lado do Estado-nação e depois também o lado do sector privado.

Então, para resumir, no contexto africano: tem a ver com a colaboração, tem a ver com a consciencialização situacional e com a criação desta capacidade que tenho estado a falar e depois, acima de tudo isso, tem a ver com as estruturas dos países africanos, como a União Africana ter estas unidades de partilha de inteligência sobre ameaças assim como o que a Interpol faz. Penso que os exércitos africanos podem ter algo semelhante a isso, mas, acima de tudo, apenas a colaboração entre si, precisamos também de colaborar com outros países na Europa, nos EUA, porque penso que é importante que tenhamos aliados e parceiros.

ADF: Alguns países criaram comandos de cibersegurança ou enfatizaram a formação cibernética nos exércitos. Acha que a cibersegurança precisa de ser um grande ponto de ênfase nos exércitos africanos? O que mais, em termos específicos, os exércitos devem fazer para esse fim?

Mtsweni: Penso que a ênfase na cibersegurança é muito importante e penso que é enfatizada ou tornada importante pelo facto de que nós já vimos muitos ataques a nível nacional. É já vimos muitas violações em África que são consideradas como tendo sido alegadamente instituídas por países estrangeiros. Mesmo na África do Sul perdemos alguma propriedade intelectual — por exemplo, o projecto de uma aeronave militar através de um ataque cibernético. Por isso, é muito importante ter estas capacidades e não apenas em documentos, mas em termos operacionais, incluindo a formação do pessoal. Existem alguns países que possuem fortes defesas cibernéticas — e quando falo em defesa, quero referir-me à ofensiva e defensiva. Por isso, precisamos de chegar a este ponto, porque também tem a ver com a criação das nossas próprias ferramentas, porque, se olhar para os EUA, eles possuem o seu Comando Cibernético, mas estão constantemente a fazer P&D [pesquisa e desenvolvimento], criando as suas próprias ferramentas para defesa e para ataque quando necessário.

ADF: Falamos um pouco sobre a formação em termos gerais, mas existe também a formação a nível micro, falo a respeito de tropas individuais. Sobre este ponto, que formações ou princípios específicos devem ser incorporados na formação de todo o exército e das forças de segurança para garantir que tenham uma compreensão básica de práticas de cibersegurança significativas e eficazes?

Mtsweni: Penso que a formação genérica é obviamente a compreensão de redes, porque se não compreende a tecnologia será muito difícil querer protegê-la ou atacá-la. E a segunda coisa tem a ver com formá-los apenas em consciencialização básica sobre cibersegurança. Porque, se alguém não sabe o que ameaça as ferramentas que eles estão a utilizar, isso poderá ser um problema. Então, apenas os princípios básicos, o uso das redes sociais pelas forças militares, o uso destas várias tecnologias e dispositivos móveis e por aí em diante, porque quando estiverem consciencializados, eles poderão então compreender as ameaças e a sua gravidade.

ADF: Ataques cibernéticos apoiados pelo Estado agora são uma realidade em África. Já vimos agências do governo serem atingidas por ransomware e empresas privadas serem atingidas por piratas informáticos apoiados pelo estrangeiro nestes últimos anos. Até que ponto isso o preocupa quanto à questão dos Estados utilizarem ataques cibernéticos como uma ferramenta de guerra e acha que esta situação continuará a ser vista em África nos próximos anos?

Mtsweni: Os ataques cibernéticos utilizados como uma

Transnet, a empresa de transportes e logística estatal sul-africana, foi atingida por um ataque cibernético em Julho de 2021. O ataque durou vários dias.

AFP/GETTY IMAGES

ferramenta de guerra entre os países estão a aumentar. E, por vezes, também são utilizados apenas por um país individualmente, somente partidos políticos atacando uns aos outros, utilizando algumas dessas ferramentas. Definitivamente, estamos a ver mais disso em África. Estamos a ver isso particularmente agora com as redes sociais e com muito acesso à tecnologia.

Uma coisa que tem a ver com esta questão que eu queria mencionar é que a cibersegurança tem a ver com poder. Aqueles que possuem as ferramentas, aqueles que têm o pessoal, aqueles que têm as capacidades, são capazes, por conseguinte, de instituir alguns desses ataques. Depois, encontramos aqueles que não têm [capacidades] no ciberespaço, esses não têm poder; podem não ser capazes de responder. Por isso, é importante que os países africanos se preparem para uma capacidade de defesa cibernética holística e abrangente.

ADF: Os grupos extremistas têm utilizado a internet para recrutamento e propaganda durante anos, mais será que existe qualquer prova de que os mesmos estão a tentar utilizar capacidades cibernéticas para lançar ataques como ransomware ou outros tipos de ataques no continente africano? Será que isso é algo que deve preocupar os países?

Mtsweni: Penso que em África existe um uso limitado de ferramentas de guerra cibernética por grupos extremistas, mas existem incidências embora sejam raras ou poucas. Em termos de ransomware, não tenho muitas evidências, mas já vimos grupos extremistas … a terem como alvo os governos, e na África do Sul já vimos isso acontecer muitas vezes. Por exemplo, o Departamento de Justiça foi atacado e a Transnet também foi alvo de ataques de piratas informáticos. Esses ataques foram perpetrados através de ransomware e alguns deles podem não saber porque podem não necessariamente dizer, mas estamos a observar isso com atenção e já vimos acontecer.

ADF: Com relação aos grupos extremistas, como Boko Haram ou al-Shabab, consegue-se ver qualquer evidência de que estejam a fazer muito mais do que apenas recrutar na internet e realmente a armar as capacidades cibernéticas para o alcance de outros dos seus fins jihadistas, extremistas ou políticos?

Mtsweni: Penso que definitivamente existem evidências, embora limitadas. Mas tomemos apenas um exemplo típico das redes sociais, correcto? Se olharmos para as redes sociais como uma ferramenta cibernética … ela pode ser utilizada por estes grupos extremistas, por isso, os vemos utilizarem os deepfakes, utilizarem as redes sociais para propagarem notícias falsas. Porque, no nosso contexto, a questão de propagação de notícias falsas também constitui uma outra forma de operação psicológica se olharmos para o ponto de vista mental, porque tem a ver com influenciar as pessoas, tem a ver com transmitir propaganda, tem a ver com mudar a narrativa. Vemos que o uso das redes sociais como uma forma de ataque digital está a aumentar em África.

Em termos de uso de ferramentas cibernéticas pesadas, não existem muitas provas disso, mas em termos de ataques das comunicações e de operações psicológicas, vemos que são muito fortes, particularmente na promoção destas várias teorias de conspiração.

ADF: Existe alguma coisa que gostaria de mencionar que não tenhamos abordado?

Mtsweni: Definitivamente, o terrorismo cibernético possui um impacto sobre a segurança humana, e penso que o exército, incluindo as agências da lei, têm um elevado papel a desempenhar enquanto nos tornamos cada vez mais digitais. É importante que criemos capacidades e estejamos preparados. Porque não é uma questão de se, mas sim uma questão de quando. ❑

O CABO ESQUECIDO

ILUSTRAÇÃO DA ADF

GEOGRAFIA. HISTÓRIA. POLÍTICA. ERROS.

TUDO ISSO DESEMPENHA UM PAPEL NO AUMENTO DO EXTREMISMO VIOLENTO NA PROVÍNCIA MOÇAMBICANA DE CABO DELEGADO.

EQUIPA DA ADF
FOTOS DE: AFP/GETTY IMAGES

Enquanto jovens rondavam pelas ruas de Mocímboa da Praia com catanas e AK-47s, no dia 5 de Outubro de 2017, algumas pessoas da cidade espreitavam pelas janelas com medo, gravando a marcha desafiadora com os seus telemóveis.

Quando um militante empunhando uma arma passava por ali, um residente sussurrou o famoso e temível nome: "al Shabaab."

A cena faz parte de um documentário da BBC Africa Eye, intitulado "Filhos de Mocímboa: a crise de extremismo em Moçambique," que descreve os desafios representados pelo grupo terrorista que assola a província de Cabo Delegado desde o seu primeiro ataque em Outubro de 2017. Naquele assalto, cerca de 30 insurgentes cercaram as três esquadras da polícia daquela cidade, matando 17 pessoas, incluindo dois agentes da polícia e invadiram os arsenais. Cabo Delgado é conhecido pela alcunha Cabo Esquecido.

Os residentes locais informalmente utilizam o nome al-Shabab, que se traduz para "a juventude," para se referir ao grupo. Mas este grupo não está afiliado ao grupo terrorista da Somália, ligado ao al-Qaeda, que tem o mesmo nome. É também chamado Ansar al-Sunna, que significa "os defensores da tradição."

O ataque de 2017 foi o primeiro de muitos na região e causou a morte de mais de 3.700 pessoas e deixou mais de 850.000 pessoas deslocadas, até Fevereiro de 2022. As tropas e a polícia ruandesas entraram no país em Julho de 2021 e, em pouco tempo, recapturaram Mocímboa da Praia com uma força de 1.000 homens.

A missão multinacional da Comunidade para o Desenvolvimento da África Austral em Moçambique (SAMIM) foi destacada dias depois das forças ruandesas, acrescentando várias centenas de soldados para as tropas de Moçambique entre oito países participantes: Angola, Botswana, República Democrática do Congo, Lesoto, Malawi, África do Sul, Tanzânia e Zâmbia. As forças terrestres, na sua maioria, vieram de Botswana, Lesoto, África do Sul e Tanzânia, tendo outros participantes, contribuindo com logística, reportou o jornal sul-africano, Daily Maverick, em Janeiro de 2022.

Mesmo numa altura em que as forças moçambicanas, ruandesas e da SAMIM lograram sucessos notáveis durante o segundo semestre de 2021 e até 2022, a violência brutal persistiu e, com ela, perguntas que procuram saber se a insurgência pode ter iniciado anos atrás.

Oficiais da polícia ruandesa, à esquerda, e soldados moçambicanos em pé durante um evento do dia 24 de Setembro de 2021, em Pemba, Cabo Delgado.

UMA HISTÓRIA DE ISOLAMENTO

A cidade portuária de Mocímboa da Praia situa-se a mais de 2.600 km de estrada da capital de Moçambique, Maputo. A distância em relação aos centros de governo é uma característica comum de zonas radicalizadas em países africanos. As distâncias tendem a resultar em presença reduzida do governo e de serviços em zonas recônditas, criando percepções de marginalização entre os locais. Exemplos incluem o norte do Mali, onde nasceu o expansivo extremismo jihadista daquele país e o norte da Nigéria, onde teve origem a insurgência do Boko Haram.

A distância é exacerbada mais ainda pelo facto de que Moçambique ainda está a recuperar de uma guerra civil brutal que decorreu de 1977 a 1992. Estima-se que a guerra tenha matado milhares de pessoas e deixado outras milhares deslocadas. Para além disso, a costa de Cabo Delgado geralmente está associada aos rebeldes do movimento de Resistência Nacional Moçambicana, conhecido como RENAMO. Na guerra, as suas forças lutaram contra a Frente de Libertação de Moçambique, conhecida como FRELIMO, que agora é liderada pelo Presidente de Moçambique, Filipe Nyusi.

Alguns afirmam que esta divisão política serve para separar mais ainda Cabo Delgado e o seu povo

Soldado ruandês faz patrulha próximo de um camião incendiado, em Palma, Cabo Delgado, em Setembro de 2021.

Este acampamento para pessoas deslocadas internamente, no distrito de Metuge, Cabo Delgado, albergava 30.000 pessoas em Maio de 2021, uma porção delas deslocadas pelos insurgentes.

da atenção e das preocupações do governo. Um outro grande problema regional é a descoberta e a capitalização de vastas reservas de gás natural e interesses em pequenas minas de rubi. Especialistas apontam para o facto de os residentes locais estarem a ser excluídos e — por vezes retirados — de locais de extracção mineira de rubis na região, depois de beneficiar por muitos anos do comércio artesanal, perdendo assim o acesso a oportunidades económicas, incluindo ilícitas.

Geografia, história e política. Todas elas são culpadas em vários graus pelas condições que subsistem actualmente em Cabo Delgado. Mas os especialistas afirmam que o governo de Moçambique também cometeu erros ao longo da caminhada, por não ouvir os alertas e as preocupações das bases. Se as forças de segurança tivessem prestado atenção muito antes, em 2015, talvez a insurgência pudesse ser confrontada de forma eficaz no seu estágio inicial.

A RESPOSTA DE MOÇAMBIQUE

Quando terminou o ataque de Outubro de 2017, a polícia moçambicana chegou, atribuiu a culpa pela violência aos bandidos e declarou que iria lidar com a situação dentro de uma semana, Dr. Salvador Forquilha, investigador sénior do Instituto de Estudos Sociais e Económicos de Moçambique, disse à ADF.

Forquilha disse que o governo cometeu vários grandes erros em 2017. Primeiro, as forças de segurança responderam com violência e encerraram mesquitas e fizeram algumas apreensões rápidas. Isso semeou confusão e também deixou agitados alguns muçulmanos moçambicanos, de acordo com os relatos.

"Penso que o governo não estava preparado para lidar com um fenómeno como estes," disse Forquilha à ADF. "Recorde-se que tivemos uma guerra civil durante 16 anos e ainda estamos no processo de terminar com o processo da guerra civil com a reintegração de antigos membros da guerrilha do grupo rebelde RENAMO. ...Portanto, isso foi uma surpresa."

Por último, disse, houve problemas de organização e coordenação entre a polícia e o exército. Às vezes, essa falta de coordenação levou a conflitos entre os dois grupos. Enquanto este problema persistia, os insurgentes espalharam-se para mais e mais zonas até que as forças do Ruanda e da SAMIM foram destacadas para aquele lugar, em 2021.

"Penso que a abordagem do lado do governo para lidar com o fenómeno foi errada desde o início e, de facto, foi tarde quando o governo entendeu que o país estava a enfrentar um problema sério ligado ao jihadismo e ao terrorismo," disse Forquilha à ADF.

Uma mulher segura uma criança em meio aos restos de uma aldeia incendiada por insurgentes nos arredores de Macomia, na província moçambicana de Cabo Delgado.

"NÃO PENSO QUE UM PAÍS SOZINHO POSSA LUTAR CONTRA O TERRORISMO, JIHADISMO, OU SEJA O QUE FOR, SEM COOPERAR COM OUTROS PAÍSES, COM OUTROS ESTADOS, COM OUTRAS NAÇÕES."

— **Dr. Salvador Forquilha**
Pesquisador Sénior do Instituto de Estudos Sociais e Económicos

SEMENTES DE EXTREMISMO

O ataque de Outubro de 2017 é amplamente considerado o primeiro ataque organizado e coordenado do Ansar al-Sunna. Mas não foi o primeiro exemplo de violência em Cabo Delgado ou a primeira indicação de que o ensino islâmico radical estava a germinar na região.

O Ansar al-Sunna surgiu em 2015, atacando muçulmanos locais. O documentário da BBC Eye indica que os líderes locais estavam a soar o alarme sobre novas formas de ensinamento islâmico a entrarem na região em 2015.

O presidente do município de Mocímboa da Praia anunciou que um grupo chamado al-Shabaab estava a recrutar jovens na região e que representava uma ameaça à paz, reportou a BBC Eye. Um ano depois, em 2016, um director de escola disse à Rádio Comunitária de Nacedje, em Macomia, que a participação nas escolas tinha diminuído e que ele culpava uma seita islâmica que dizia que ir à escola era inútil.

Em 2016, um chefe local enviou uma lista de preocupações ao conselho islâmico local com elementos de uma pregação peculiar dos insurgentes. As instruções orientavam os adoradores para orarem sem tirarem os seus sapatos, não trazerem identificação consigo, evitarem escolas financiadas pelo Estado e evitarem a bandeira e os eventos nacionais. "Eles estiveram a recrutar muçulmanos que não estavam assim cientes, que não tinham estudado e eram pobres," disse ele na reportagem da BBC.

"Os líderes muçulmanos estavam realmente a alertar e alguns deles foram falar com as autoridades locais para dizer 'olha, estamos a enfrentar muitos desafios nas nossas mesquitas locais,'" contou Forquilha à BBC. "Temos pessoas que vêm de fora, especialmente jovens, que tentam pregar um islamismo muito radical. Não houve acções muito claras por parte do governo... de modo a lutar contra o grupo mesmo no início."

INFLUÊNCIAS EXTERNAS

Problemas ligados a ineficácias do governo há muito estiveram presentes na província de Cabo Delgado e nas zonas circunvizinhas. Mas as raízes do islamismo radical podem estender-se para fora da região e atravessar a fronteira para Tanzânia e outros lugares, de acordo com alguns especialistas. O Centro de Estudos Estratégicos de África (ACSS) realizou um webinar em Outubro de 2021 para debater as origens da violência em Cabo Delgado.

Nesse webinar, Dino Mahtani, então director-adjunto do Programa Africano do Grupo Internacional de Crise, apontou para a repressão dos radicais islâmicos na Tanzânia, em 2017, que podem ter pressionado os extremistas a entrarem em Moçambique, onde se juntaram aos extremistas daquele ponto.

As repressões, disse Mahtani, tiveram como alvo aqueles que eram afiliados "a franquias do al-Qaeda da costa Swahili" desde a Somália, passando pelo Quénia e pela Tanzânia, entrando depois em

Moçambique. O grupo do Estado Islâmico, disse, está a procurar "furar" a rede e incluí-la na sua posse que já inclui as Forças Democráticas Aliadas, na República Democrática do Congo. Estudos demonstram que os tanzanianos recrutados desde 2017 aparecem em acampamentos na região leste da RDC e depois em Cabo Delgado, "então, existem movimentos de ida e volta de rapazes da costa swahili que participam em conflitos violentos em Cabo Delgado, mas também no leste do Congo," disse Mahtani.

Dr. Adriano Alfredo Nuvunga, director do Centro para Democracia e Desenvolvimento, uma organização da sociedade civil sem fins lucrativos em Moçambique, concorda que as influências externas moldaram a insurgência de Cabo Delgado.

A região, disse Nuvunga no webinar do ACSS, há muito vem sendo marginalizada e negligenciada pelo governo central. "Todo o tecido social que é conducente ao conflito está ligado a problemas locais," disse através de um intérprete. Mas a violência bárbara perpetrada pelos insurgentes, que inclui decapitações e mutilações, aponta para métodos terroristas que estão a ser importados para Cabo Delegado.

O QUE PODIA SER FEITO?

Forquilha concorda que muitos extremistas atravessaram a fronteira, vindo da Tanzânia. "O que é surpreendente é ver que o governo levou tanto tempo, por exemplo, para cooperar com Tanzânia," disse à ADF. Moçambique podia ter aprendido mais sobre o que esperar e como lidar com a insurgência, comunicando com Quénia, Tanzânia e Uganda, todos eles confrontaram violência extremista há vários anos.

Seria muito bom que outros países africanos que enfrentam desafios semelhantes levassem potenciais ameaças a sério desde o início, disse. Isso inclui fazer uso eficaz de serviços de inteligência estatais e procurar garantir que as instituições do governo sejam suficientemente fortes para garantir resiliência e oportunidades económicas para os residentes.

Se o governo de Moçambique tivesse seguido esta abordagem mais colaborativa desde o início, isso podia ter impedido que os insurgentes se incorporassem de forma incontrolável na região, o que veio a causar números significativos de pessoas deslocadas internamente e outros problemas, considerou Forquilha.

Forquilha, que já realizou pesquisas e inquéritos nas regiões afectadas de Cabo Delgado, estava na região, em Janeiro de 2022, a conversar com residentes de Pemba, uma cidade portuária e capital da província. Disse que os residentes afirmaram que "ainda existem ataques em alguns lugares," apesar da presença das forças militares multinacionais. Pequenos grupos de insurgentes agora têm como alvo pequenas aldeias para os seus ataques, o que será mais difícil e levará mais tempo para os soldados os combater. As forças militares podem minimizar o problema de segurança, "mas isso não irá eliminar a insurgência em si," disse.

Um soldado ruandês, parte das forças militares e da polícia, composta por 1.000 homens, faz patrulha próximo de Palma, Cabo Delgado, em Setembro de 2021.

Antes da intervenção das forças do Ruanda e da SAMIM, Moçambique recorreu a empresas militares privadas: primeiro, ao famoso Grupo Wagner, da Rússia, depois ao sul-africano, Dyck Advisory Group. As forças do Grupo Wagner deixaram o país depois de sofrerem pesadas derrotas, e o Dyck saiu depois do seu contrato terminar no início de 2021. Os participantes do webinar do ACSS concordaram com Forquilha que as intervenções militares por si só provavelmente não irão acabar com a insurgência em Moçambique.

Idriss M. Lallali, director da Unidade de Alerta e Prevenção, no Centro Africano para Estudos e Pesquisas sobre o Terrorismo, traçou paralelos entre Moçambique e aquilo que aconteceu no Mali desde 2012. Moçambique deve "restabelecer a presença do Estado" e criar a confiança entre o Estado, o sector de segurança e a população que serve.

"Se não desenvolver certas partes do seu país, isso virá contra o governo em algum momento," disse Lallali no webinar. "E penso que o que aconteceu no Mali está agora a acontecer em Moçambique."

Neste ponto, disse Forquilha, Moçambique terá de lidar com as dinâmicas internas com esforços socioeconómicos que abordam a pobreza e a falta de emprego. Isso faria muito em dar oportunidades aos jovens, preterindo o recrutamento dos extremistas. Tais esforços também precisam de alcançar as províncias vizinhas de Nampula, Niassa e Zambézia, onde as condições são semelhantes.

A dimensão externa das ligações do Ansar al-Sunna com organizações terroristas internacionais, como o grupo do Estado Islâmico e as redes da África Oriental, destaca a necessidade de cooperação com outros países. O grupo do Estado Islâmico começou a reivindicar os ataques dos insurgentes em 2019, "então existe uma ligação e nós não podemos recusar a ligação," disse Forquilha.

"Não penso que um país sozinho possa lutar contra o terrorismo, jihadismo, ou seja o que for, sem cooperar com outros países, com outros Estados, com outros outras nações," disse Forquilha. "Porque tornou-se um fenómeno global, uma ameaça global e têm de ser combatida como tal. Por isso, a componente da cooperação é muito, muito importante a ser tida em conta." ❑

SILENCIANDO A DISCORDÂNCIA

ILUSTRAÇÃO DA ADF

DESLIGAMENTOS, LEGISLAÇÃO E INFLUÊNCIA ESTRANGEIRA FAZEM PARTE DO ESFORÇO PARA CENSURAR A EXPRESSÃO

EQUIPA DA ADF
FOTOS DE: AFP/GETTY IMAGES

Depois de o Twitter ter apagado uma publicação do presidente nigeriano, Muhammadu Buhari, em 2021, a Nigéria encerrou o acesso ao site mais popular das redes sociais naquele país durante sete meses.

"A perda foi enorme," blogueiro nigeriano e especialista em redes sociais, J.J. Omojuwa, disse à ADF. "Traz-nos um despertar para o facto de que isso pode acontecer em qualquer lugar."

A empresa analista da internet, NetBlocks, estimou que o apagão lesou os nigerianos em cerca de 1,6 bilhões de dólares em perdas de negócios. Também interrompeu a informação vital sobre a COVID-19 que o Centro de Controlo de Doenças da Nigéria publicava na plataforma. Os grupos de direitos humanos condenaram o apagão como uma violação do direito de liberdade de expressão dos nigerianos. Por fim, o governo restaurou o acesso, mas apenas depois de o Twitter ter concordado em pagar impostos e abrir um escritório local sujeito às leis da Nigéria.

O apagão do Twitter na Nigéria faz parte a um espectro de acções directas e indirectas com a intenção de controlar como a informação é partilhada. E estes apagões de informação estão a tornar-se mais comuns em África. Em muitos casos, os controlos são impostos em nome da segurança nacional. Mas as interrupções resultantes criam menos segurança, uma vez que estão a prejudicar as economias locais, a interromper a educação e a causar desinformação.

Para além dos apagões da internet, os esforços de censura em África incluem novas leis que visam combater o crime cibernético e as campanhas feitas pelos chineses e pelas forças russas para moldar o ambiente de imprensa de África. Juntos, eles representam uma tentativa ampla de controlar o fluxo de informação no continente.

"Quando se trata de liberdade de expressão," disse Omojuwa, "vocês estão sempre a defendê-la."

DESLIGAMENTO DA INTERNET

O instrumento mais franco que os líderes utilizam para censurar os cidadãos é o desligamento da internet. África lidera o mundo nesse aspecto, de acordo com o monitor de internet, Surfshark. Desde 2015, 32 países africanos tomaram medidas para restringir o fluxo de informação nas suas fronteiras. Entre Setembro de 2020 e Janeiro de 2022, os países africanos representaram metade das 24 interrupções de internet a nível mundial.

O Burkina Faso sozinho desligou a internet três vezes, entre Novembro de 2021 e Janeiro de 2022, incluindo durante o golpe que depôs o Presidente Roch Marc Christian Kaboré.

Golpes de Estado, protestos contra o governo e eleições são os eventos que mais provavelmente possam causar um desligamento parcial ou total. Na Argélia e na Etiópia, os líderes bloquearam a internet, em 2021, para impedir que houvesse fraude nos exames nacionais. A Etiópia também impôs um desligamento da imprensa para controlar as notícias relacionadas com a actual guerra civil na região de Tigré.

Nigerianos protestam contra a decisão do governo de desligar o Twitter em Junho de 2021, depois de aquele site das redes sociais ter apagado um tweet publicado pelo Presidente Muhammadu Buhari, afirmando que o mesmo viola os termos de serviço.

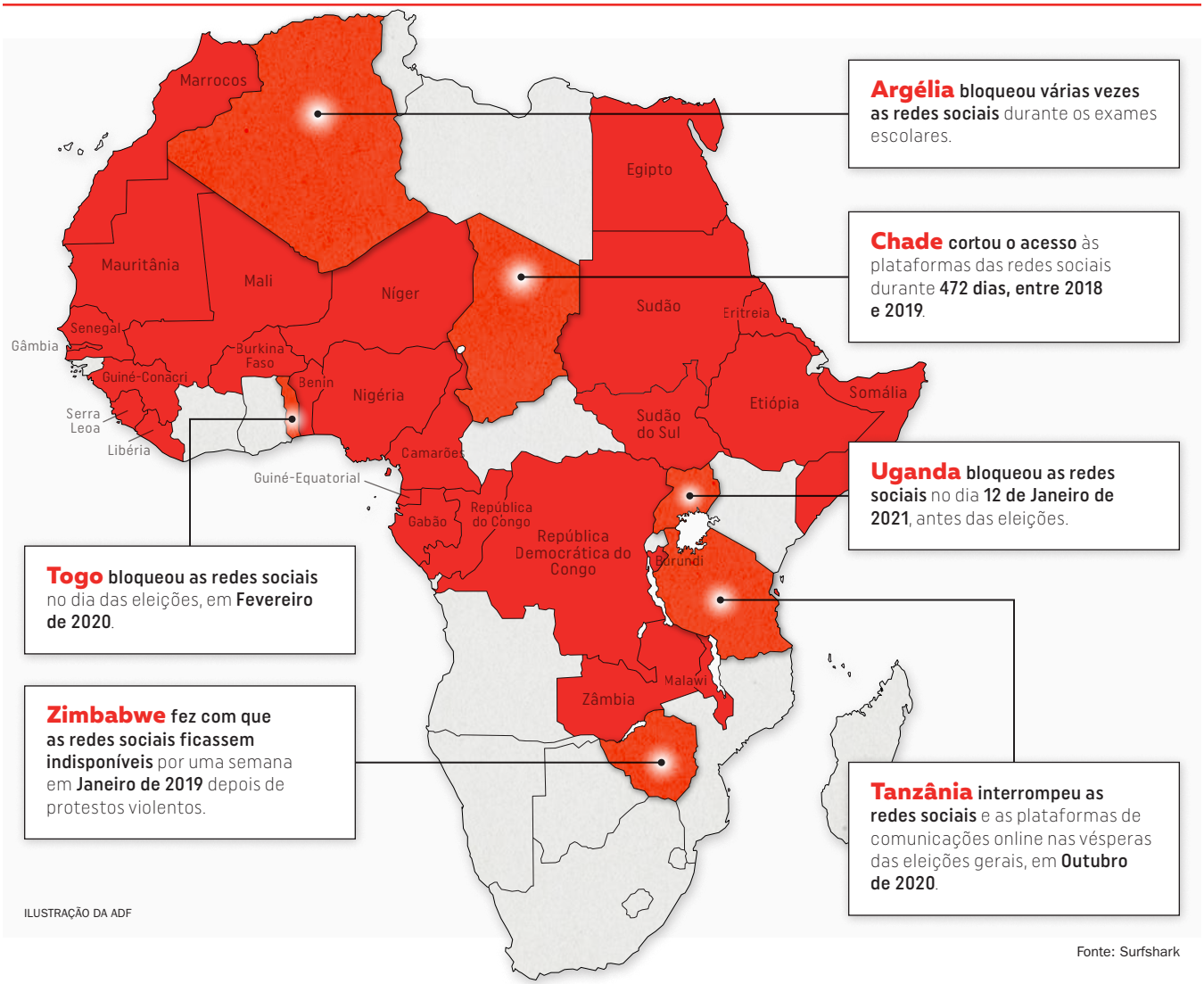
Em alguns casos, os líderes têm a tendência de asfixiar o uso das redes sociais. Existe um motivo claro para isso, de acordo com Lawrence Muthoga, antigo gestor de envolvimento comunitário da Microsoft 4Afrika, com sede no Quénia.

"Isso porque é muito fácil mobilizar as pessoas nas redes sociais," disse Muthoga durante um debate sobre censura em África, organizado pelo Grupo Moringa, do Quénia, através do Twitter Spaces.

"A maior parte da censura que decorre no país neste momento procura controlar a mobilização da população ou a disseminação de ideias," disse Muthoga.

Omojuwa considera uma outra força em jogo: a lacuna

32 PAÍSES AFRICANOS QUE RECENTEMENTE BLOQUEARAM REDES SOCIAIS



Fonte: Surfshark

geracional entre os líderes africanos e os seus jovens, cidadãos versados em tecnologia. A idade mediana dos africanos é pouco menos de 20 anos. "Eles [os líderes] não compreendem estes espaços," disse Omojuwa.

Desligar a internet não é tão simples quanto encerrar um jornal ou silenciar uma transmissão de rádio, disse Omojuwa. Durante o apagão do Twitter na Nigéria, por exemplo, os nigerianos ainda assim podiam aceder à plataforma, utilizando as redes virtuais privadas que operam através de outros países.

"É um espaço tão democratizado," disse Omojuwa. "Não é possível impedir que as pessoas falem."

LIMITAÇÕES LEGAIS

Os 39 países africanos que promulgaram leis contra o crime cibernético dizem que têm como alvo a desinformação e os riscos contra a segurança nacional. Os críticos afirmam que as leis ameaçam a privacidade e colocam as pessoas em risco de serem presas por se expressarem na internet.

"Os governos ainda não compreendem exactamente o que significa a liberdade de expressão na era da informação," disse Setriakor Nyomi, director ganês da área de tecnologia da Escola Moringa, no Quénia, que ministra cursos de formação para empregos ligados à tecnologia.

"O ponto essencial na era da informação é como os governos devem lidar com isso," disse Nyomi durante uma conversa com Muthoga via Twitter Spaces.

Os direitos humanos devem orientar o processo de criação de regulamentos sobre o uso da internet, de acordo com Admire Mare, um professor de comunicação, jornalismo e tecnologia de media, na Universidade de Ciências da Namíbia. Mare estudou legislação relacionada com crimes cibernéticos em 16 países da África Austral. O seu relatório, "Leis Sobre Cibersegurança e Crimes Cibernéticos na Região da SADC: Implicações sobre os Direitos Humanos (Cybersecurity and Cybercrime Laws in the SADC Region: Implications on Human Rights)," cita a África do Sul como o único país da região que promulga leis alinhadas com os direitos dos cidadãos.

Um homem carrega uma bandeira, protestando contra o sétimo mês de apagão do Twitter, que causou aproximadamente 1,6 bilhões de dólares em danos para a economia do país.

DIGITAL
RIGHT IS
HUMAN RIGHT.
#LiftTwitterBan

Argelinos protestam contra a censura do governo relacionada com as reclamações sobre a tentativa do antigo presidente, Abdelaziz Bouteflika, de procurar um quinto mandato, em 2019. Ele demitiu-se naquele ano e morreu em 2021.

"Nos países como Zâmbia, Zimbabwe, Namíbia e Malawi, existe um receio profundo de que a legislação nova e existente já esteja a ser utilizada para efeitos de controlo," Mare escreveu num relatório publicado em conjunto com o Media Institute of Southern Africa (MISA).

O projecto de Lei de Protecção de Dados do Zimbabwe proíbe mensagens que incitam a violência contra as pessoas ou contra propriedades, proíbe a transmissão de informação falsa destinada a prejudicar e proíbe e-mails não solicitados, habitualmente chamados de spam.

O MISA afirma que a lei não possui salvaguardas para garantir que ela não será utilizada para bloquear o trabalho da sociedade civil, punir os denunciadores de irregularidades e violar o direito constitucional de livre expressão. Antes de a lei ser promulgada, a Transparency International Zimbabwe disse que haveria de impedir que o público fosse capaz de revelar a corrupção do governo.

"A interpretação e a implementação livre da legislação pelas autoridades já foi utilizada para reprimir os cidadãos que deviam proteger," Muchaneta Mundopa, director-executivo da Transparency International Zimbabwe, escreveu na análise do grupo do então projecto de lei. "Este projecto de lei irá piorar a situação."

Mundopa citou o caso do jornalista Hopewell Chin'ono, que foi acusado com base em leis anteriormente existentes de incitar a violência depois de expor a corrupção no processo de aquisições de materiais para a COVID-19 pelo governo. Os denunciadores de irregularidades, como Chin'ono, precisam das redes sociais para alertar o público sobre casos suspeitos, disse Mundopa.

"Por essa razão, nós consideramos esta proposta de lei como a mais recente tentativa do governo de silenciar a sociedade civil e a imprensa e ainda de impedir que possamos desempenhar o nosso papel de supervisão," escreveu Mundopa.

A Nigéria atacou as redes sociais com duas propostas que foram recebidas com resistência firme por parte de activistas que defendem a liberdade de imprensa. Em 2015, a famosa proposta de lei das Petições Infundadas teve como alvo a desinformação online e as críticas contra as autoridades públicas, com multas de até 10.000 dólares.

Os activistas da liberdade de expressão argumentam que a lei ajudou os agentes públicos a silenciarem os críticos e lançou a campanha de #NãoaoProjectodeLeidasRedesSociais no Twitter. Enfrentando a oposição pública, os legisladores eventualmente eliminaram o projecto de lei.

Um outro anteprojecto de lei das redes sociais elaborado em 2019 foi concebido para criminalizar a publicação de informação falsa ou maliciosa online. Essa proposta de lei também foi eventualmente retirada.

Omojuwa disse que as duas tentativas da Nigéria de restringir as comunicações online colocaram os cidadãos em alerta. "Qualquer coisa que o governo fizer no futuro, haverá sempre uma resistência," disse.

IMPRENSA E AUTOCENSURA

Para além dos desligamentos da internet e os esforços legislativos para regular a expressão online, os defensores da liberdade de expressão de África também enfrentam a crescente influência chinesa e russa no ambiente de media do continente.

A China passou muitos anos a construir uma rede continental de imprensa e de difusão de media para

A ESTRATÉGIA DE IMPRENSA DA CHINA PERTENCE À SUA FILOSOFIA DE "BARCO EMPRESTADO," QUE UTILIZA OS VEÍCULOS DE COMUNICAÇÃO E REPÓRTERES AFRICANOS PARA PUBLICAREM ARTIGOS FAVORÁVEIS À CHINA.

promover a sua marca de jornalismo pró-governo. A China também investe muito na publicidade entre alguns dos canais comerciais de notícias e fornece equipamento dispendioso para outros, tais como antenas parabólicas, como uma forma de ganhar influência.

A China financia centenas de jornalistas africanos anualmente para receber formação em salas de imprensa chinesas. Nesses locais, eles aprendem a marca do jornalismo da China que enfatiza o apoio às políticas do governo em vez de reportagens tradicionais destinadas a fazer com que o governo preste contas aos seus cidadãos.

"No espírito do regime de Pequim, os jornalistas não devem ser um contrapoder, mas, ao invés disso, devem servir a propaganda dos Estados," Christophe Deloire, secretário-geral dos Repórteres sem Fronteiras, escreveu no seu artigo "Busca da China pela Nova Ordem Mundial de Imprensa."

A Rússia segue uma abordagem de mão-de-ferro mais pesada ainda. Através da sua empresa militar privada, Grupo Wagner, abriu uma estação de rádio que tem o apoio da Rússia, na República Centro-Africana (RCA), que difunde música assim como notícias e talk shows.

Valery Zakharov, o conselheiro nacional para questões de segurança do Presidente da RCA, Faustin-Archange Touadéra, nomeou dois especialistas em relações públicas russos no seu gabinete para reforçar a imagem do presidente.

Entretanto, a maior parte dos meios de comunicação social da RCA seguiu a orientação pró-Rússia, dando cobertura extensiva a acções russas, como a doação de equipamento desportivo a uma escola. Sem nenhuma publicidade para apoiar o seu trabalho, os repórteres da RCA, por vezes, recebem dinheiro para escrever artigos favoráveis aos russos, de acordo com o analista Thierry Vircoulon, coordenador do Observatório da África Central e Austral, do Instituto Francês de Relações Internacionais.

A estratégia de imprensa da China pertence à sua filosofia de "barco emprestado," que utiliza os veículos de comunicação e repórteres africanos para publicarem artigos favoráveis à China.

Quanto menor o mercado jornalístico, maior a influência da China, de acordo com Dani Madrid-Morales, professor da Universidade de Houston e especialista em manipulações de imprensa da China, em África.

"O que a China foi capaz de fazer é estabelecer estas relações a nível pessoal," disse Madrid-Morales à ADF. "Criando estas ligações a nível pessoal, a China ajuda a ser o guardião que controla as informações que são publicadas."

Isso, disse, cria uma forma de censura mais subtil do que os desligamentos da internet ou o controlo legislativo: a autocensura feita pelos canais de media que suavizam a cobertura para evitar perder apoio financeiro e artigos favoráveis dos jornalistas formados para evitar desafiar o poder.

A rede sul-africana de imprensa, IOL, recentemente foi vendida a um grupo de investidores chineses. Pouco depois disso, os editores formados no Ocidente da rede foram substituídos por editores mais favoráveis ao modelo chinês. Quando o colunista Azad Essa criticou o tratamento da China da sua minoria Uyghur, perdeu o seu cargo no dia seguinte.

"Aparentemente, eu tinha entrado numa arena não negociável que atingiu o próprio centro dos esforços de propaganda da China em África," escreveu Essa, mais tarde, na revista Foreign Policy.

A crescente influência da China sobre o panorama da imprensa de África inclui a formação de jornalistas em salas de imprensa baseadas na China, onde a ênfase é de apoiar as políticas do governo.

OLHANDO PARA O FUTURO

O que o futuro reserva à liberdade de expressão na imprensa e nas comunidades online de África? Em termos gerais, a tendência é para mais restrições, de acordo com Kian Vesteinsson, um analista da Freedom House.

"Infelizmente, a liberdade da internet reduziu em toda a África nestes últimos anos," escreveu Vesteinsson. "Num patamar mais elevado, os desafios para as transições democráticas em países como a Etiópia e o Sudão moldaram o declínio da liberdade da internet naqueles países."

Omojuwa disse que o apagão do Twitter na Nigéria provou ser um fracasso vergonhoso, mas pode inspirar imitadores em outros lugares à medida que mais africanos encontram suas vozes na internet.

"Penso que muitos governos do continente estão à procura de saber como a Nigéria dominou o Twitter," disse. "A Nigéria conseguiu sair impune."

O impacto das restrições da liberdade de expressão será determinante para a democracia, disse.

"Se as pessoas não tiverem a capacidade de falar, qual é a vantagem da democracia?" Questionou Omojuwa. ❑

Aperfeiçoando as Preparações Para a Batalha

EQUIPA DA ADF

Aqueles que estão comprometidos com a defesa dos seus países sabem que também devem estar preparados para ajudar aqueles que servem juntamente com eles. Quando as baixas do campo de batalha ocorrem, a acção rápida pode ser a diferença entre a vida e a morte. Em Novembro de 2021, soldados das Forças Armadas da Mauritânia trabalharam com instrutores das Forcas Especiais do Exército dos EUA durante o Treino Conjunto Combinado de Troca de Experiência. Aqui, um soldado da Mauritânia coloca um torniquete à volta da perna de um colega durante um exercício de simulação de baixa. Os soldados também praticaram a movimentação de feridos para locais seguros em macas pelo terreno do deserto. Os treinos conjuntos incluíram outras habilidades essenciais, como batalhas corpo a corpo, tácticas de pequenas unidades e planificação de missão.

SEGUNDO-SARGENTO NICHOLAS BYERS/EXÉRCITO AMERICANO

Minas Terrestres Assombram o Zimbabwe

40 ANOS DEPOIS DA GUERRA

ILUSTRAÇÃO DA ADF

Aquele País da África Austral Espera Estar Livre de Minas Até 2025

POR CYRIL ZENDA

Talakufa Mudzikiti pensou que o cessar-fogo de 1979, que dava um fim à guerra de 15 anos do Zimbabwe, faria com que fosse seguro procurar pelo gado perdido da sua família. Acabaria por ser uma aventura dispendiosa da qual ele agora se arrepende.

Enquanto vagueava pela floresta, próximo da aldeia de Dumisa, na região sudeste do Zimbabwe, pisou numa mina antipessoal que explodiu a sua perna esquerda. "A minha vida ficou destruída naquele dia … todos os meus sonhos ficaram desfeitos," disse. Mudzikiti, agora com 70 anos de idade, não é o único em sofrimento devido ao legado das minas terrestres utilizadas num conflito armado.

Mudzikiti e os seus colegas aldeões encontram-se entre os mais de 2.000 zimbabweanos que estão mutilados, mas vivos. Aproximadamente outras 1.700 pessoas foram mortas por minas terrestres nas últimas quatro décadas.

Faixas Espessas de Contaminação por Minas Terrestres

Zimbabwe, anteriormente conhecido como Rodésia, ganhou a independência em 1980, colocando um fim a 90 anos de colonialismo e dominação da minoria branca. A década de 1970 foi marcada por uma guerra brutal no mato que ceifou mais de 50.000 vidas.

Para deter os combatentes da libertação, impedindo-os de entrar no país, vindos de países vizinhos, como Moçambique e Zâmbia, o exército rodesiano implantou aproximadamente 3 milhões de minas antipessoais, entre 1974 e 1979, em cinco principais campos minados em 850 km da fronteira leste e norte do país.

Vítimas de Minas a Nível Mundial em 2020	
Civis	4.437
Funcionários da Desminagem	27
Militares	1.105
Desconhecidos	1.504

Source: Landmine Monitor 2021

Faixas espessas de minas terrestres — algumas com cerca de 5.500 por quilómetro quadrado — na fronteira do Zimbabwe com Moçambique, impediram o desenvolvimento em comunidades marginalizadas.

Até Setembro de 2018, considerava-se que as minas abrangessem mais de 66 quilómetros quadrados de terra. Um inquérito da região nordeste do Zimbabwe identificou 87 comunidades que contém mais de 75.000 pessoas directamente afectadas por minas.

O inquérito também concluiu que 78 campos minados se encontravam a menos de 500 metros de zonas residenciais.

Continua na página 35

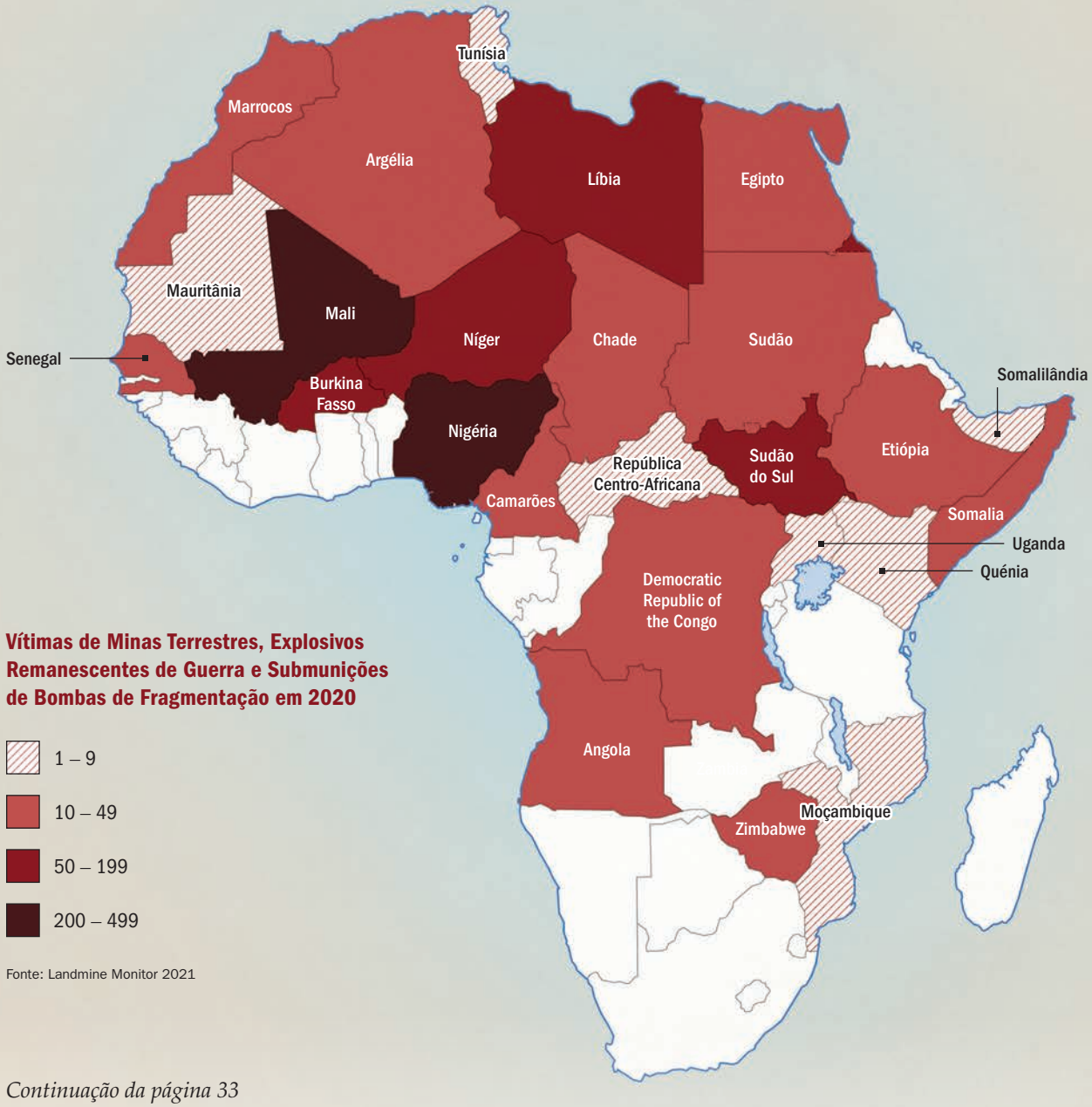
Minas terrestres e destroços são descartados nos arredores de Juba, Sudão do Sul.

AFP/GETTY IMAGES

Um especialista em desminagem líbio mostra uma mina enterrada que se acredita que tenha sido implantada pelo exército do antigo líder Muammar Kadhafi, próximo do Aeroporto Internacional de Mitiga, nos arredores de Tripoli.

AFP/GETTY IMAGES

Vítimas de minas esperam para começar a fisioterapia numa enfermaria do centro ortopédico Agostinho Neto, em Huambo, Angola. AFP/GETTY IMAGES



Fonte: Landmine Monitor 2021

Continuação da página 33

As minas terrestres bloqueiam o acesso a terras residenciais, inibem o comércio transfronteiriço, impedem que os agricultores de pequena escala tenham acesso às terras de cultivo, separam comunidades de fontes primárias de água e afectam adversamente o saneamento e a produção do gado. Como resultado, as zonas mais afectadas possuem níveis desproporcionais de pobreza e elevadas taxas de insegurança alimentar.

Estratégia Nacional de Acção Contra Minas

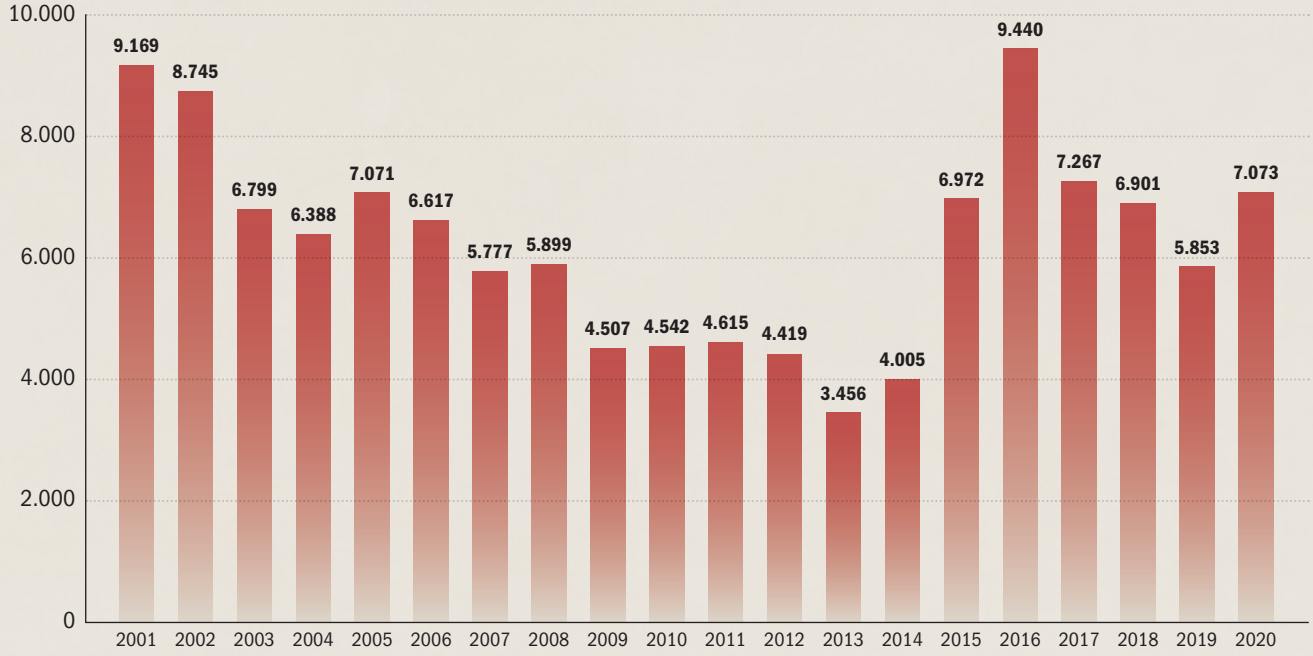
Como signatário da Convenção de Proibição de Minas Antipessoais, o governo do Zimbabwe está comprometido em trabalhar para alcançar a meta de 2025, de tornar o país livre de minas terrestres, colocando em operação a Autoridade Nacional de Acção Contra Minas do Zimbabwe, um órgão de política e regulamentário para a acção contra minas naquele país. Subordinado à autoridade encontra-se o Centro de Acção Contra Minas do Zimbabwe (ZIMAC), que coordena a actividade de desminagem daquele país. Em 2018, o Zimbabwe lançou a sua Estratégia Nacional de Acção Contra Minas 2018-2025.

O país possui cinco missões de desminagem: a Unidade Nacional de Remoção de Minas, do Exército Nacional do Zimbabwe, a HALO Trust, o Mines Advisory Group, a Ajuda Popular da Noruega (APN) e a APOPO, registada na Bélgica, ou Desenvolvimento de Produto de Remoção de Minas Terrestres Antipessoais.

Sten-Trygve Brand, consultor da Acção Contra Minas e Desarmamento da APN, disse que o trabalho de remoção de minas da organização beneficiou directamente mais de 70.000 pessoas no Zimbabwe.

"Fazemos parte dos esforços de desminagem humanitária no Zimbabwe desde 2012… e actualmente operamos com cinco equipas de desminagem e uma equipa MDD [detenção de minas por caninos]," disse Brand por e-mail.

Vítimas de Minas e Remanescentes de Explosivos a Nível Global: 2001-2020 Fonte: Landmine Monitor 2021



Talakufa Mudzikiti perdeu a sua perna esquerda depois de pisar numa mina terrestre no Zimbabwe. CYRIL ZENDA

A APN tem estado a trabalhar em três campos minados com uma extensão total de 16,7 km quadrados na fronteira leste com Moçambique, nomeadamente de Leacon Hill à Floresta de Sheba, de Burma Valley e Rusitu a Muzite. Destes, a remoção no campo minado de Burma Valley foi concluída e o mesmo foi entregue em 2015, protegendo 253 agregados familiares. No fim de 2020, a APN tinha destruído 26.982 minas antipessoais e tinha ficado com uma zona de contaminação estimada em 7,2 quilómetros quadrados, que pretende concluir até 2024.

"A remoção de minas e a entrega das terras ao longo da fronteira possibilitou que as comunidades e as autoridades se envolvessem em actividades como controlo da fronteira, agricultura, acesso à água potável, aulas em escolas próximas das suas aldeias, pastagem do gado, assim como interacção transfronteiriça sem a ameaça de acidentes, que podem resultar em perda de um membro ou da vida," disse a APN.

O trabalho de remoção de minas terrestres da HALO centra-se na região nordeste do país, onde esteve a trabalhar desde 2013 e destruiu mais de 100.000 minas terrestres.

"Surpreendentemente, este número representa aproximadamente quatro minas terrestres por cada pessoa daquela parte do país," disse a organização. "Somente no ano passado, a equipa da HALO no Zimbabwe removeu aproximadamente 10% de todas as minas terrestres destruídas em todo o mundo."

Animais em Vias de Extinção Também são Mortos

Para além do número de mortes e ferimentos causados em seres humanos, as minas antipessoais mataram mais de 120.000 cabeças de gado. As minas também mataram números incontáveis de animais selvagens como elefantes, rinocerontes, leões e girafas. Alguns dos campos minados estendem-se até ao Parque Nacional de Gonarezhou, que faz parte do Parque Transfronteiriço do Grande Limpopo, que abrange três países. O maior parque inclui partes de Moçambique, África do Sul e Zimbabwe e permite a livre circulação da vida selvagem.

A APOPO começou o trabalho de desminagem em Dezembro de 2020 ao longo do campo minado de Cordon

Lúcia Zuka perdeu a sua perna direita ao pisar numa mina terrestre em 1998 quando procurava lenha. CYRIL ZENDA

Sanitaire, que afecta o Corredor da Vida Selvagem de Sengwe, na parte sudoeste do país. Pretende encontrar e destruir cerca de 15.300 minas terrestres e remover minas em 7,23 km quadrados.

"A APOPO acredita que será capaz de concluir a tarefa até 2025 ou antes com um apoio de um doador consistente," disse a organização.

"Removendo as minas terrestres, a APOPO pode estabelecer fundações fortes para que as comunidades possam reconstruir as suas vidas e para a agricultura e o ecoturismo voltarem a desenvolver, trazendo muitos benefícios para o país como um todo."

Dificuldades Financeiras Atrasaram a Desminagem

O Exército Nacional do Zimbabwe recusou-se a comentar. Sabe-se, contudo, que dificuldades financeiras impediram os esforços de desminagem. De acordo com a revisão do plano de trabalho de acção contra minas do ZIMAC para 2020-2025, submetido para Revisão da Acção Contra Minas, o programa de acção contra minas precisa de 65,6 milhões de dólares para cumprir o seu prazo prorrogado de 2025.

O ZIMAC informou à Revisão da Acção Contra Minas que as dificuldades económicas em 2018 limitariam o potencial do governo para aumentar qualquer financiamento para a acção contra minas, embora esperasse que o nível de financiamento anual de 500.000 dólares fosse mantido.

Os desafios financeiros que o exército zimbabweano enfrenta foram, no passado, confirmados pela Ministra da Defesa, Oppah Muchinguri-Kashiri, que disse que o exército tem tido falta de financiamento mesmo para operações básicas.

Aldeões Estão Gratos e Esperançosos

"Estamos felizes com o processo de desminagem que está a decorrer, mas o governo devia encontrar uma forma de compensar," Mudzikiti disse numa entrevista. Os seus sentimentos são partilhados por outras vítimas e familiares daqueles que foram mortos.

Lisimati Makoti, que é Líder Sengwe, na região de Chikombedzi, elogiou o exercício de remoção de minas terrestres e disse que é uma iniciativa nobre, porque o seu povo tinha continuado a sofrer muito depois de a guerra ter terminado.

"Estamos gratos por este exercício de desminagem," disse. "Já estava há muito tempo atrasado, porque o meu povo vivia em risco de perder a vida por causa de minas terrestres. ... Muitos também perderam o seu gado para as minas terrestres." ❑

SOBRE O AUTOR
Cyril Zenda é um jornalista residente em Harare, Zimbabwe. Os seus artigos foram publicados no Fair Planet, na TRT World Magazine, The New Internationalist, Toward Freedom e SciDev.Net.

ILUSTRAÇÃO DA ADF

COMO CAPTURAR UM ESTADO

AS TÁCTICAS HÍBRIDAS DA RÚSSIA PARA EXERCER CONTROLO NA REPÚBLICA CENTRO-AFRICANA CONSTITUEM UM ALERTA AO CONTINENTE

EQUIPA DA ADF

Pequenas nuvens de areia vermelha levantaram-se do camião de mercenários russos quando seguia para o centro de Bambari, prometendo comida aos necessitados.

No calor escaldante, dezenas de pessoas perfilaram-se ao longo da estrada de terra-batida, na quarta maior cidade da República Centro-Africana (RCA).

Ao invés de comida, eles receberam gestos e foram ordenados, sob ameaça de armas, para protestarem contra a MINUSCA, a missão de manutenção da paz das Nações Unidas na RCA, exigindo que a ONU saia da cidade que tinha libertado de rebeldes em finais de 2020.

Isso não fazia sentido para o jornalista nigeriano, Philip Obaji Jr., que tem feito muitas reportagens sobre a famosa empresa militar privada (EMP) russa chamada Grupo Wagner, enquanto expande as suas operações em Africa.

"Várias fontes da RCA disseram-me que os protestos contra a ONU na cidade de Bambari foram uma operação clandestina encenada pelos mercenários do Grupo Wagner," disse Obaji à ADF. "Antes de números significativos de homens do Grupo Wagner terem saído para a Ucrânia, fiz uma reportagem sobre os novos impostos sobre produtos agrícolas que impuseram e colectaram."

Obaji também recebeu relatos de que os mercenários russos massacraram civis nas aldeias de Mouka, Yangoudroudja, Aïgbado e Yanga.

Acusações de atrocidades seguem o Grupo Wagner como uma sombra.

Na RCA, os mercenários apenas servem para defender e apoiar a abordagem híbrida da Rússia que combina um poder duro e um poder suave por mais de quatro anos.

"A RCA actualmente encontra-se num estado de captura do Estado," Mattia Caniglia, membro do Conselho Europeu de Relações Estrangeiras, disse à ADF. "O nível de penetração que estamos a testemunhar agora é enorme."

"Neste momento, existe uma situação que é perfeita para aquilo que a Rússia faz."

UM PAÍS PRONTO PARA EXPLORAÇÃO

Operativos russos estiveram na RCA desde 2017, depois de atravessarem a sua enorme fronteira porosa nordeste com o Sudão. Eles instalaram-se tirando a vantagem da instabilidade generalizada, do sentimento anti-França e do Presidente Faustin-Archange Touadéra, que estava prestes a ser deposto por rebeldes.

Em mais de quatro anos, a Rússia ganhou acesso sem precedentes às camadas do poder governamental e utilizou-o para expandir a propaganda, deixando muitos cidadãos indecisos sobre em quem devem confiar.

Caniglia descreve a abordagem da Rússia em África como oportunista e estratégica, destacando a importância de distinguir entre os seus dois pilares — actividades oficiais e não oficiais.

"Nas não oficiais, encontramos muitas coisas assimétricas e híbridas," disse. "Nas oficiais, encontramos isso também, mas, muitas vezes, tem a ver com os seus

Um instrutor militar russo trabalha com um membro das Forças Armadas Centro-Africanas.

SINDICATO DE OFICIAIS PARA A SEGURANÇA INTERNACIONAL

À DIREITA: Um instrutor militar russo fala com uma unidade das Forças Armadas Centro-Africanas.

SINDICATO DE OFICIAIS PARA A SEGURANÇA INTERNACIONAL

acordos bilaterais, formações militares, contratos de fornecimento de armas e mais."

A abordagem da Rússia esteve em plena demonstração na RCA.

Em 2018, Touadéra instalou Valery Zakharov, com ligações ao Kremlin, um antigo oficial de inteligência russa, como o seu conselheiro nacional de segurança.

A União Europeia (EU) chamou Zakharov de "figura-chave …. na estrutura de comando do Grupo Wagner" com "fortes ligações com as autoridades russas."

O nível de poder que o Grupo Wagner alcançou na RCA ultrapassou até mesmo as suas expectativas.

"Isso é algo sem precedentes," disse Caniglia. "Mas, de novo, todas as condições já estavam lá na RCA. Eles conseguiram vantagem que em qualquer outro lugar não teriam a permissão de ter."

Um outro aliado de Touadéra, Alexander Ivanov, também alegadamente possui ligações próximas com o Grupo Wagner.

Como representante oficial dos instrutores militares russos na RCA, Ivanov lidera um grupo de "advocacia da paz" independente chamado Sindicato de Oficiais para a Segurança Internacional (COSI).

O Ministério da Defesa da Rússia admitiu que utilizou Ivanov para recrutar todos os seus instrutores destacados para instruir as Forças Armadas da RCA (FACA), de acordo com declarações da Rússia a um painel de especialistas da ONU.

Utilizar representantes de empresas privadas como o Grupo Wagner e a COSI garante um disfarce necessário para a Rússia. A sua capacidade de recusar envolvimento oficial é uma peça de extrema importância para o quebra-cabeças deliberadamente opaco que é a abordagem híbrida da Rússia na RCA.

"A sua motivação é primariamente financeira," Kevin Limonier, professor de geopolítica e especialista em espaço cibernético de expressão russa, disse à revista The Africa Report. "Eles vêem África como um lugar para fazer dinheiro e explorar novos horizontes."

O modelo híbrido da Rússia permite que ela exerça influência com um pequeno investimento de dinheiro e homens.

"O Estado russo não tem necessariamente meios para cumprir com as suas ambições políticas em África," disse Limonier. "Por isso, depende destas redes que utilizam métodos não convencionais e recusa o seu envolvimento, caso surja algum problema."

Com o Grupo Wagner, os problemas sempre aparecem.

PODER DURO: INSTRUTORES E MERCENÁRIOS

Com uma estimativa de 2.200 a 3.000 homens, Grupo Wagner é o mais notório das várias EMPs russas alegadamente operando como instrutores e provedores de segurança.

Sempre que Touadéra e outros oficiais de alta patente estão em público, guardas uniformizados e fortemente armados ficam por perto. Eles viajam em veículos blindados russos e ocasionalmente coordenaram com helicópteros russos e drones.

O que começou como uma missão de treino em 2018, em última instância, acabou por evoluir para operações de combate a insurgências com mercenários russos no campo — em alguns casos, comandando as unidades das FACA.

Relatos de massacres nas mãos de mercenários russos e de tropas das FACA seguindo as suas ordens desestabilizaram o exército.

Em Junho de 2020, o painel de especialistas da ONU disse que tinha "recebido vários relatos indicando que os instrutores russos tinham indiscriminadamente matado civis não armados," utilizando força excessiva e pilhagem na RCA, particularmente nas regiões mineiras.

O painel também disse que os mercenários da Líbia e da Síria tinham-se envolvido em combates juntamente com os instrutores russos.

Em Março de 2021, o gabinete do Alto

O Gabinete das Nações Unidas para a Coordenação da Acção Humanitária estima que 3,1 milhões de pessoas — mais de 60% da população da RCA — precisam de ajuda de emergência. O número de pessoas deslocadas internamente aumentou para um recorde de 722.000 e outras 733.000 procuraram refúgio em outros países.

Carro blindado russo de transporte de pessoal é entregue às Forças Armadas Centro-Africanas, em Bangui, no dia 15 de Outubro de 2020.

AFP/GETTY IMAGES

Alexandre Ivanov discursa no local de exibição de um filme de propaganda do Grupo Wagner denominado "Tourist", que foi gravado na República Centro-Africana.

SINDICATO DE OFICIAIS PARA A SEGURANÇA INTERNACIONAL

À DIREITA: Ivanov conversa com um grupo de jornalistas locais.

SINDICATO DE OFICIAIS PARA A SEGURANÇA INTERNACIONAL

Comissariado da ONU para os Direitos Humanos recebeu relatórios sobre execuções em massa, tortura, detenções arbitrárias, deslocamentos forçados de civis e ataques contra trabalhadores de agências humanitárias atribuídos a EMPs que trabalham com as FACA, incluindo o Grupo Wagner.

PODER SUAVE: GUERRA DE INFORMAÇÃO

A Rússia empregou vários meios de poder suave para promover a sua agenda na RCA.

Através de mercenários, empresas fantasma e outros representantes, a Rússia financiou a imprensa local, patrocinou influenciadores "anti-imperialistas," produziu propaganda multimédia e organizou campanhas de desinformação.

Membros do Grupo Wagner e seus associados alegadamente construíram parques recreativos e estátuas para eles mesmos. Fizeram pelo menos dois filmes de propaganda do Grupo Wagner na RCA para mistificar as suas acções. Organizaram torneios de futebol e concursos de beleza.

O oligarca ligado ao Kremlin, Yevgeny Prigozhin, acusado pela UE de financiar o Grupo Wagner, financiou a criação da estação de rádio Lengo Songo (que significa "Criando Solidariedade" na língua Sango) por 10.000 dólares, de acordo com a BBC. A estacão possui uma forte inclinação pro-Rússia, culpando a ONU e a França pela crise na RCA.

Com os mercenários russos vem um conjunto de serviços de imprensa.

"Eles são baratos e vêm como parte de um pacote de serviços de apoio ao regime, incluindo tecnologias políticas," Mark Galeotti, um especialista em assuntos de segurança da Rússia, disse ao jornal independente, The Moscow Times, referindo-se ao Grupo Wagner.

Financiamento russo e campanhas de manipulação da imprensa ajudaram Touadéra a vencer a reeleição em 2020 com uma margem confortável.

Zakharov alegadamente supervisionou a colocação de aliados de Touadéra em posições fundamentais nas eleições, incluindo na contagem de votos.

A RCA foi um dos oito países africanos onde a gigante das redes sociais, Facebook, suspendeu centenas de contas falsas e desmantelou aquilo que concluiu serem campanhas de interferência russa nas eleições. Na RCA, trolls russos manchavam os países vizinhos africanos e os parceiros daquele país quando destacaram a Rússia como um libertador.

Seguiram-se protestos de rua coordenados, tendo como alvo a França, a MINUSCA e a Comunidade Económica dos Estados da África Central.

Em Agosto de 2021, a MINUSCA também lidou com rumores falsos de que estava a fornecer minas terrestres aos rebeldes mesmo numa altura em que estava a enviar pessoal para remover estes dispositivos.

"A MINUSCA nunca utilizou minas," porta-voz das forças da ONU, Major Ibrahim Atikou Amadou, disse à BBC, observando que as operações de desminagem estavam a enfrentar um impasse por causa destas alegações.

PODER DIPLOMÁTICO

Usando a sua posição no Conselho de Segurança da ONU, a Rússia criou o seu primeiro espaço na RCA quando a ONU suspendeu um embargo de armas, que permitiu que a Rússia vendesse armas para aquele país.

Os mais recentes esforços da Rússia na ONU — bloquear encontros com os painéis de especialistas da ONU e por conseguinte subverter o processo de sanções internacionais — frustraram as investigações sobre as actividades da Rússia e das suas EMPs.

Acredita-se que o Presidente da República Centro-Africana, Faustin-Archange Touadéra, tenha inicialmente pedido assistência ao presidente russo, Vladimir Putin, durante a cimeira Rússia-África de 2019, em Soshi.

AFP/GETTY IMAGES

"Parece que Moscovo deseja paralisar as sanções e os painéis de especialistas para desviar a atenção daquilo que o Grupo Wagner está a fazer em África," o Director do Grupo Internacional da Crise, da ONU, Richard Gowan, disse à revista Foreign Policy. "Por isso, em alguns casos é simplesmente uma forma de cobrir alguns assuntos nefastos."

O CUSTO PARA A RCA

Garantir concessões lucrativas de ouro, diamante e urânio tem sido uma grande prioridade para os operativos russos na RCA. Sem nenhum governo a responsabilizar-se pelo pagamento aos instrutores russos ou EMPs, os especialistas acreditam que os direitos mineiros estão a ser dados em troca dos serviços mercenários.

O negócio de extracção dos vastos recursos minerais da RCA está na responsabilidade de empresas fantasma russas, como a Lobaye Invest, que está ligada directamente a Prigozhin e foi criada em Outubro de 2017, juntamente com a subsidiária PMC, chamada Sewa Community Services.

Em Junho e Julho de 2018, Léopold Mboli Fatran, Ministro de Minas da RCA, concedeu licenças de exploração mineira a Lobaye em duas regiões. Ele eventualmente concedeu permissões em seis regiões: Alindao, Birao, Bria, N'Délé, Pama e Yawa.

Obaji e outros jornalistas ligaram os massacres perpetrados por mercenários a muitos locais de extracção mineira como uma tentativa dos russos de garantir as suas concessões.

Onde antes eram bem recebidos, agora os residentes das aldeias fogem quando os russos chegam.

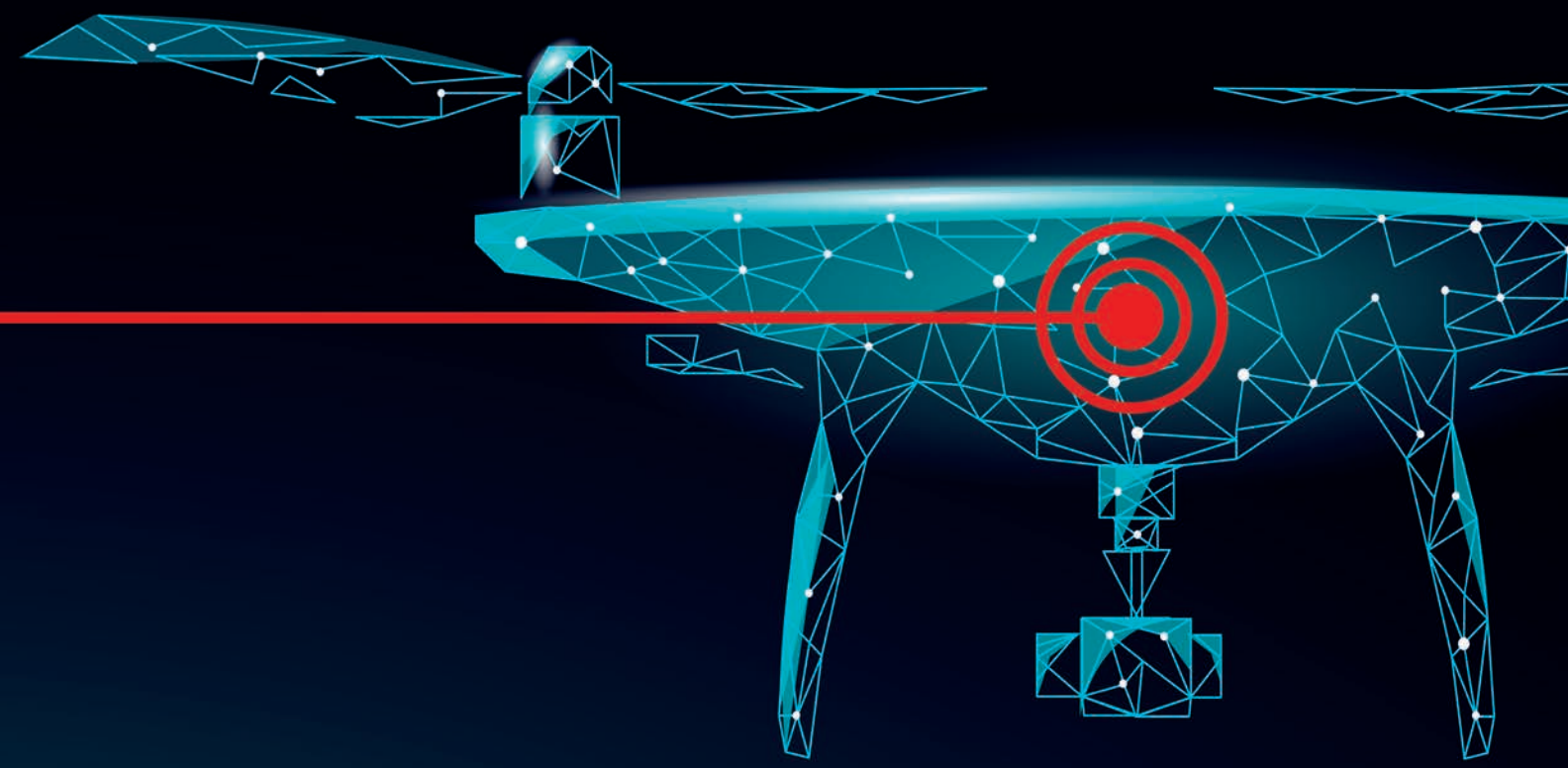
"As pessoas ficavam relativamente felizes com a presença dos russos cerca de dois a três anos atrás," disse Caniglia. "Mas agora elas sabem que tipo de coisas estão a acontecer."

O Gabinete das Nações Unidas para a Coordenação da Acção Humanitária estima que 3,1 milhões de pessoas — mais de 60% da população da RCA — precisam de ajuda de emergência. O número de pessoas deslocadas internamente aumentou para um recorde de 722.000 e outras 733.000 procuraram refúgio em outros países.

Estes resultados depois de mais de quatro anos de envolvimento russo na RCA podem servir como alerta para outros países africanos que estão a pensar na possibilidade de usar os seus mercenários, disse Caniglia.

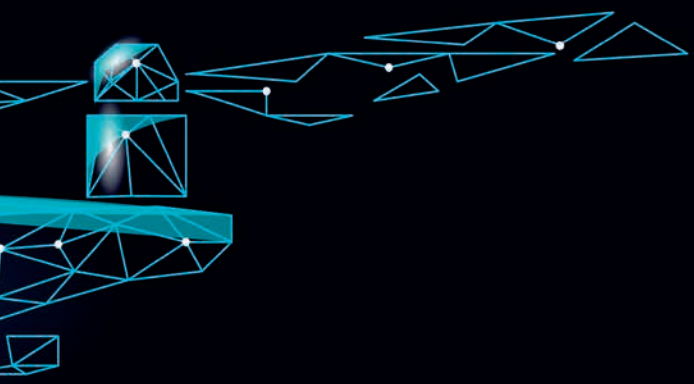
"Mas não é o que está a acontecer," disse. Alguns países da região do Sahel estão a dar sinais da sua abertura para receber forças russas apesar do claro registo que eles têm de causar instabilidade. Observadores estão surpresos com o facto de que estes países não estão a aprender das lições da RCA sobre o perigo de entrar em parceria com o Grupo Wagner e com a Rússia.

"O que está a acontecer na RCA é muito mau, não apenas em termos de níveis de influência que os actores não estatais russos têm sobre o governo da RCA, mas também em termos de violações de direitos humanos e outras situações de desestabilização da segurança. Mas a mensagem não está a chegar. Simplesmente não está a ser entendida," disse Caniglia. ❑



DRONES PODEM SER ARMAS MORTAIS PARA OS EXTREMISTAS

Terroristas estão a utilizar drones para identificar alvos e fazer vigilância em África. O próximo passo será utilizá-los como armas.



EQUIPA DA ADF

A tecnologia de drone barata e amplamente disponível representa um potencial para revolucionar a entrega de medicamentos, o tratamento de culturas e a vigilância em toda a África. Mas onde os inovadores vêem uma oportunidade para melhorar as vidas, os grupos extremistas vêem uma possibilidade para tirar vidas.

No Médio Oriente, grupos terroristas começaram a armar os drones retirados das prateleiras para atacar civis e alvos militares. Agora, especialistas estão a alertar que a táctica mortal possa estar a vir para a África.

"Por 2.000 dólares é possível violar qualquer cerca do mundo," disse Aaditya Devarakonda, PCA da Dedrone, descrevendo os drones para a revista Forbes. "É a ameaça mais assimétrica que existe." A Dedrone garante a segurança do espaço aéreo para proteger as organizações de drones maliciosos.

Drones controlados por meio de sinal, também conhecidos como sistemas aéreos não pilotados, remontam de meados de 1930. Hoje, os drones variam de pequenos brinquedos controlados por rádio, de 30 dólares, até aqueles construídos com o tamanho de uma aeronave. No meio disso encontra-se uma variedade surpreendente de dispositivos capazes de transmitir vídeo, acompanhar movimentos de tropas e transportar carga.

A sofisticação de drones comprados sem recibo, para lazer, é espantosa. Um drone simples que custa menos de 1.000 dólares inclui quatro motores recarregáveis com 30 minutos de tempo de voo, uma câmara de três eixos que filma vídeos de alta resolução, um sensor capaz de filmar vídeos no período nocturno e uma transmissão de vídeo com alcance de mais de 11 quilómetros.

A maior parte dos drones menos dispendiosos não pode transportar muito — menos de 2 quilogramas — mas várias empresas desenvolveram drones capazes de transportar até 200 quilogramas. Tais drones são vendidos por cerca de 250.000 dólares. Isso demonstra o ritmo do desenvolvimento dos drones no Século XXI: um

drone com uma capacidade semelhante seria inconcebível a este preço 20 anos atrás.

O escritor de ciências, Kashyap Vyas, disse que os últimos 10 anos foram considerados como uma "grande explosão" no desenvolvimento de drones.

"Espera-se que os drones sejam cada vez menores e mais leves, com maior tempo de duração da bateria e maior tempo de voo," escreveu Vyas para a página da internet, Interesting Engineering. "No mercado civil, desenvolvimentos na melhoria do tempo de voo estão a permitir que eles sirvam como plataformas de entrega, para uso em serviços de emergência e recolha de dados em vários locais que são muito perigosos para os humanos, como em centrais eléctricas ou incêndios."

Agora algumas pessoas descrevem a tecnologia de drones como uma caixa de Pandora dos dias modernos, no sentido de que aquilo que começou para coisas como fotografia aérea, desenvolveu-se e evoluiu de formas positivas e terríveis.

DRONES EM ÁFRICA

Até hoje, não houve relatos de uso de drones como armas por grupos terroristas em África, mas especialistas alertam que isso pode mudar dentro de pouco tempo.

Murtala Abdullahi, jornalista nigeriano que cobre questões de segurança para o site HumAngle, disse que o acesso a drones é rigorosamente regulado na Nigéria, por isso, os grupos extremistas recorreram à captura de drones do governo. Até agora, eles foram maioritariamente utilizados para vigilância ou para esforços de propaganda, mas ele disse que os grupos têm intenção de expandir o seu uso e desejam aprender dos grupos extremistas do Médio Oriente.

"Ainda não é tão sofisticado como no Oriente Médio onde os drones são equipados com explosivos para atacar tropas, mas isso não significa que não irá acontecer no futuro," disse Abdullahi, durante um webinar do Centro de Estudos Estratégicos de África (ACSS). "A tecnologia de informação permitiu que estes grupos tivessem conhecimento de outras regiões, o que significa que existe um grande risco de que eles melhorem aquilo que já vêm aprendendo dos outros."

Em Moçambique, extremistas da província de Cabo de Delgado utilizam drones para vigilância. O antigo Ministro do Interior de Moçambique, Amade Miquidade, comunicou em 2020 que os extremistas tinham utilizado drones numa região onde a força de estabilização da Comunidade para o Desenvolvimento da África Austral tinha sido autorizada.

Durante os ataques extremistas, em finais de Março e início de Abril de 2021, que tiveram como alvo, entre outras zonas, a estrategicamente importante cidade de

Polícia da Somália e um soldado ugandês observam um drone durante uma sessão de treino. REUTERS

REUTERS

UMA HISTÓRIA DE UTILIZAÇÃO DE DRONES COMO ARMAS

ADF STAFF

O uso de drones como armas por terroristas vem desde cerca de uma década. Eis alguns dos ataques com recurso a drones:

- Al-Qaeda utilizou vários drones em 2013, num ataque não sucedido no Paquistão.
- O grupo do Estado Islâmico utilizou pequenos drones em ataques no Iraque e na Síria, em 2014.
- O grupo do Estado Islâmico utilizou drones para lançar explosivos ligeiros contra soldados iraquianos durante uma batalha pelo Mosul, em 2016 e 2017.
- Um enxame de drones armados atacou bases russas na região ocidental da Síria, em Janeiro de 2018. Dez drones reforçados com explosivos atacaram uma base aérea russa enquanto outros três tiveram como alvo uma instalação naval russa.
- Drones armados atingiram duas estações de bombeamento de petróleo na Arábia Saudita, em Maio de 2019. As autoridades culparam os rebeldes Houthi, do Iémen, pelos ataques. Meses depois, as forças Houthi lançaram ataques de drones contra três bases aéreas sauditas. Fontes Houthi afirmaram que os drones atingiram os seus alvos, mas as autoridades sauditas afirmaram que os drones foram interceptados e abatidos.
- Drones Houthi atacaram duas principais instalações de petróleo na Arábia Saudita, em Setembro de 2019, causando incêndios.
- No dia 14 de Setembro de 2019, os Houthi lançaram ataques com recurso a drones contra duas instalações principais de petróleo geridas pela saudita Aramco e causaram um incêndio.
- Terroristas sediados no Paquistão utilizaram dois drones armados para atacar uma base da Força Aérea Indiana, em Junho de 2021.

Palma, Miquidade disse que os militantes utilizaram drones para melhorar a precisão do ataque.

"Se prestarmos atenção para a facilidade com a qual os insurgentes estão a obter armas e a acrescentar ataques contra o exército, nunca irei subestimar a possibilidade de eles começarem a fazer uso de capacidades de tecnologia mais avançada e com isso eu incluo os drones," Jasmine Opperman, uma consultora sul-africana em matéria de segurança, disse num documento do ACSS. Opperman acrescentou que, "se podem trazer centenas de telemóveis, através de rotas de contrabando, o que é que os impede de trazer drones?"

Especialistas também estão a alertar que os drones têm o potencial de substituir os bombistas suicidas.

"Os grupos terroristas precisam de indivíduos para levarem a cabo os seus ataques," escreveu o Major Thomas Pledger, um oficial de infantaria da Guarda Nacional do Exército dos EUA. "Muitos grupos tipicamente realizam ataques com a expectativa de que os seus membros irão sacrificar a si próprios durante os ataques, quer seja sendo apanhados ou mortos. O uso de drones, contudo, pode permitir que um indivíduo ou um pequeno grupo realize múltiplos ataques sem o auto-sacrifício."

Uma grande preocupação, segundo os especialistas em drones, é que o desenvolvimento da tecnologia de drones coincide com os avanços na inteligência artificial (IA). Utilizar IA pode significar que os drones não precisem de um operador. Especialistas consideram a hipótese de os extremistas utilizarem "enxames" de pequenos drones de IA não dispendiosos, nos seus ataques direccionados.

O Coronel David Peddle (na reforma), antigo membro da Força Nacional de Defesa da África do Sul, confirmou que actores não estatais armados têm utilizado drones para vigilância e acredita que será apenas uma "questão de tempo" até que sejam destacados enxames ou grupos de drones ofensivos em África, dada a sua acessibilidade e custo relativamente baixo.

Um técnico verifica um drone de vigilância operado pelas Nações Unidas, na República Democrática do Congo. REUTERS

Outros especialistas concordam, afirmando que a tecnologia moderna e o seu fabrico fizeram com que os drones sejam cada vez mais acessíveis aos terroristas. No seu livro "Life 3.0," o físico Max Tegmark escreveu que "pequenos drones assassinos, com capacidade de IA, tendem a custar pouco mais do que um smartphone."

Para além disso, os drones irão minimizar o investimento humano necessário para os ataques terroristas, com os investigadores a observarem que o aumento de autonomia irá possibilitar que uma pessoa possa infligir mais danos. A IA pode fazer com que o terrorismo seja mais barato e baixar os custos humanos necessários para realizar ataques, criando novas gerações de terroristas "lobos solitários."

A tecnologia para atacar indivíduos — softwares de reconhecimento facial, drones e comunicações de máquina para máquina — já existe. Tegmark considera a hipótese de drones assassinos

não dispendiosos, equipados com IA, semelhantes ao filme James Bond: "Tudo o que precisam de fazer é carregar a foto do seu alvo e o endereço no drone assassino; ele pode seguir até ao destino, identificar e eliminar a pessoa e autodestruir--se para garantir que ninguém saiba quem foi o responsável."

O investigador Jacob Ware, escrevendo para a página da internet sobre segurança, War on the Rocks, disse que a combinação de IA simples e drones representa uma ameaça genuína em todo o mundo.

"Grupos terroristas estão cada vez mais a utilizar tecnologias do Século XXI, incluindo drones e inteligência artificial elementar, em ataques," comunicou Ware. "Enquanto continuar a ser utilizada como arma, a IA pode demonstrar ser uma ameaça formidável, permitindo que os adversários — incluindo actores não estatais — automatizem mortes em escala massiva. A combinação de conhecimento sobre drones e IA mais sofisticada pode permitir que os grupos terroristas adquiram ou desenvolvam armas autónomas letais, ou 'robots assassinos,' o que iria aumentar drasticamente a sua capacidade de criar incidentes de destruição maciça nas cidades ocidentais."

O estudo de Pledger observou que os drones abrem a possibilidade para uma nova variedade de tácticas e alvos terroristas.

"Uma aplicação particularmente assustadora dos drones é a distribuição de agentes químicos e biológicos, especialmente doenças contagiosas," escreveu Pledger. "As discussões sobre doenças contagiosas são tão prevalecentes e os receios são conhecidos."

Pledger prevê que, por causa do seu "custo relativamente baixo" e distância "significativa" a partir da qual podem ser lançados, os drones serão utilizados como uma "táctica primária de futuros ataques terroristas."

Um técnico lança um drone, em Ruanda, como parte de um programa que os utiliza para fazer a entrega de materiais médicos nas zonas rurais. AFP/GETTY IMAGES

"Infra-estruturas de extrema importância também são vulneráveis e defender milhares de locais contra ataques seria financeiramente restritivo, no mínimo," escreveu. "Prováveis alvos de infra-estruturas incluem instalações de armazenamentos de combustível ou de água, gasodutos, centrais de distribuição de energia e locais de fornecimento de produtos alimentares, muitos dos quais encontram-se com pouco pessoal de segurança ou completamente sem pessoal de segurança."

Karen Allen, uma especialista em matéria de segurança do Instituto de Estudos de Segurança, na África do Sul, disse que os drones representam "uma nova iteração de tecnologia digital e África estará envolvida."

"Apesar de a tecnologia de drone ser, em termos gerais, utilizada para efeitos positivos, a possibilidade de indivíduos construírem drones com smartphones e softwares de fontes abertas irá acelerar e os resultados podem ser desestabilizadores," escreveu. "Resumindo, os drones tendem a ser uma parte integrante da futura guerra em África." ❑

ILUSTRAÇÃO DA ADF

ENFRENTANDO INIMIGOS DE ALTA TECNOLOGIA

Extremistas Estão a Utilizar Tecnologia, Redes Sociais e Videogames Como Armas nos Seus Ataques

EQUIPA DA ADF

Mais de 30 páginas da internet em Moçambique, incluindo a página do Ministério da Defesa, ficaram desactivadas no dia 21 de Fevereiro de 2022, depois de um ataque de piratas informáticos.

Uma imagem de um homem que trazia um lenço e segurava uma metralhadora apareceu na página da internet juntamente com as palavras "atacado por piratas iemenitas." Os alvos incluíram os portais do Instituto Nacional de Gestão e Redução do Risco de Desastres, da Administração Nacional de Estradas e das Agências de Águas, assim como do Ministério da Defesa e do Instituto Nacional de Transportes Terrestres.

As autoridades afirmaram que não houve perda de informação ou fuga de dados pessoais dos cidadãos, mas observaram que foi o primeiro ataque cibernético desta magnitude naquele país. Analistas apelaram ao governo para fortalecer a cibersegurança em meio aos receios de que os piratas informáticos possam estar associados a terroristas.

Enquanto alguns especialistas e investigadores alertam sobre um futuro em que os extremistas em África irão utilizar tecnologias prontamente disponíveis para fazer avançar as suas causas, outros especialistas afirmam que isso já aconteceu.

Os extremistas estão a utilizar drones para vigilância. Estão a utilizar as redes sociais para a propaganda e para publicar eventos em que transmitem vídeos ao vivo. Fazem vídeos para efeitos de recrutamento e de instruções. Utilizam ferramentas de comunicação para planificar ataques. No futuro, afirmam os especialistas, drones comerciais serão utilizados como armas e impressoras 3D serão utilizadas para produzir espingardas de assalto.

Tudo começa com a ferramenta mais comum e versátil de todas: um telemóvel. Como a autora Audrey Kurth Cronin observou durante a apresentação de Maio de 2021, no Centro de Estudos Estratégicos de África (ACSS), "cada um de nós possui um computador poderoso no bolso."

Um smartphone pode não parecer uma arma formidável, ou mesmo uma particularmente sofisticada, mas combina um computador, um relógio de precisão, uma câmara, acesso à Internet, GPS, aplicativos de transferência de dinheiro e mais. Também elimina a necessidade de os insurgentes possuírem equipamento de comunicação via rádio.

Os extremistas, afirmam os especialistas, utilizam telemóveis para muitos fins. Um desses fins é aceitar pagamentos e transferências de dinheiro quando estão a extorquir os cidadãos, exigindo "pagamentos de impostos" nas zonas remotas que eles controlam.

Piratas informáticos chineses roubaram informação de servidores da União Africana, reenviando os dados para Xangai. REUTERS

O investigador Seth Harrison, escrevendo para o Centro de Estudos Estratégicos e Internacionais, comunicou que grupos tais como o Grupo do Estado Islâmico capitalizam as tecnologias prontamente disponíveis para efeitos de propaganda e instruções.

"Estas operações exigem pouco treino ou planificação táctica, envolvendo ferramentas básicas — como facas ou carros — e podem ser realizadas por qualquer pessoa, em qualquer lugar. A combinação de operações simples e o aumento da capacidade comunicativa fez com que o terrorismo estivesse acessível para as massas."

Fumo sobe a partir do Supermercado de Westgate, em Nairobi, Quénia, em 2013, depois de um ataque terrorista. Os terroristas publicitaram o seu ataque no Twitter. THE ASSOCIATED PRESS

Dois irmãos utilizaram um vídeo online da al-Qaeda, "Como Construir Uma Bomba na Cozinha da Sua Mãe," para construírem uma bomba que eles activaram na maratona de Boston, em 2013.

Especialistas em tecnologia alertam sobre extremistas utilizarem drones comerciais facilmente disponíveis para fazerem vigilância e planificarem ataques. No futuro, dizem eles, os drones podem ser utilizados em África para transportar pequenas quantidades de explosivos e em assassinatos.

JÁ ESTÃO EM USO

É esclarecedor quando se divide a tecnologia em duas categorias: aberta e fechada. A tecnologia fechada não está disponível para todos, senão para governos, e inclui armas nucleares, grandes sistemas de armas, aeronaves de combate e radares. A tecnologia aberta encontra-se disponível para todos e inclui sistema GPS, a internet, os telemóveis e os microchips. Embora a tecnologia fechada ocasionalmente caia nas mãos de extremistas, muitas vezes, a tecnologia aberta representa os maiores problemas.

Embora os actores não estatais sejam uma preocupação primária, eles não são o único problema. Conforme observou Nathaniel Allen, do ACSS, num relatório de Janeiro de 2021, "As maiores preocupações que cercam a ciber-espionagem em África estiveram ligadas à China."

Em 2018, comunicou-se que todo o conteúdo dos servidores da União Africana estava a ser transmitido, de forma rotineira, para Xangai, China, depois de engenheiros da rede terem observado um pico de utilização fora do horário de funcionamento. Embora os engenheiros tenham substituído os servidores, os

Um guarda de segurança patrulha o supermercado Westgate, reaberto em Nairobi, Quénia, aproximadamente dois anos depois de um ataque terrorista. THE ASSOCIATED PRESS

hackers chineses continuaram a espiar a UA em 2020, roubando imagens de vídeo das câmaras de segurança. Eles esconderam os seus rastos, transmitindo a informação de volta para a China durante as horas normais de expediente. A culpa foi atribuída a um grupo de piratas informáticos chineses, chamado Bronze President, de acordo com a Reuters, que disse que a vigilância cobriu os "escritórios da UA, as zonas de parqueamento, os corredores e as salas de reunião."

Em Junho de 2020, a Agência de Segurança da Rede de Informação Etíope impediu um ataque cibernético do grupo egípcio, denominado Cyber Horus Group. Allen escreveu que o ataque, conforme afirmaram as autoridades etíopes, fazia parte de uma tentativa de colocar "pressão económica, psicológica e política sobre a Etiópia" quanto ao enchimento da Grande Barragem do Renascimento Etíope no Rio Nilo.

As autoridades etíopes afirmaram que impediram

um ataque maior, mas, mesmo assim, o Cyber Horus Group conseguiu atacar aproximadamente dezenas de páginas da internet do governo.

UMA FALTA DE TECNOLOGIA

Anouar Boukhars, professor de combate ao terrorismo e extremismo violento no ACSS, observou que os extremistas em África estão a utilizar ciber-tecnologia para treinar, fazer propaganda, recrutamento, financiamento e planificação. Ele disse que os extremistas utilizam a tecnologia de informação para controlar o ritmo e a narrativa da violência e que o Boko Haram utiliza a ciber-sabotagem desde 2012.

> *"Os recrutadores podem ter como alvo pessoas em plataformas abertas e começam a criar relações antes de convidarem estas pessoas para ambientes mais fechados."*
>
> *~ A Rede de Sensibilização para a Radicalização*

Boukhars disse que a maior parte dos ataques cibernéticos extremistas em África foram razoavelmente não sofisticados. Acrescentou que, embora se possa assumir que os extremistas gostariam de ter drones de categoria militar, tais dispositivos são dispendiosos para construir, operar e monitorar. Os extremistas tendem a usar drones de categoria comercial. Mesmo as operações militares avançadas do governo estão a começar a utilizar drones de categoria civil.

Dr. Christopher Anzalone, professor assistente de pesquisa da Marine Corps University, em Quântico, Virgínia, disse que o al-Shabaab se encontra entre os grupos extremistas mais agressivos ao adoptar tecnologia para o recrutamento. Os seus filmes de propaganda embelezados com aparência assemelham-se a "pseudo-documentários," disse.

Anzalone disse que o al-Shabaab também continua a depender de meios de baixa tecnologia — transmissões de rádio e fotografias simples — para transmitir as suas mensagens. Mas o grupo foi um dos primeiros adaptadores do Twitter, observou, e transmitiu um tweet ao vivo do seu ataque de 2013, no Supermercado da Westgate, em Nairobi, Quénia, onde 67 pessoas morreram antes de quatro homens armados terem sido mortos.

VIDEOGAMES

Um estudo da Universidade da Carolina do Norte, em Chapel Hill, concluiu que os grupos terroristas estão

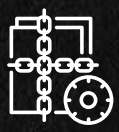
INTERPOL IDENTIFICA PRINCIPAIS AMEAÇAS AFRICANAS

O Relatório de 2021 da Avaliação de Ameaças Cibernéticas Africanas da Interpol identificou as mais proeminentes ameaças em África, com base em informações dos países membros da Interpol e dados colhidos junto de parceiros do sector privado.

Golpes online: E-mails falsos ou mensagens de texto reivindicando ser provenientes de uma fonte legítima são utilizados para enganar indivíduos a revelarem informação pessoal ou financeira.

Extorsão digital: As vítimas são enganadas para partilharem imagens sexualmente comprometedoras que, mais tarde, são utilizadas para chantagem.

Comprometer o e-mail empresarial: Os criminosos atacam sistemas de e-mail para ganharem informação sobre sistemas de pagamento corporativo, posteriormente enganam os funcionários da empresa para transferirem dinheiro para as suas contas bancárias.



Ransomware: Os criminosos cibernéticos bloqueiam o sistema informático de hospitais e instituições públicas, exigindo, posteriormente, dinheiro para restaurar o seu funcionamento.

Botnets: Redes de máquinas comprometidas são utilizadas para automatizar ataques cibernéticos em grande escala.

ÁFRICA É LENTA EM RATIFICAR OS REGULAMENTOS SOBRE CIBERSEGURANÇA

A União Africana adoptou a Convenção da União Africana sobre Cibersegurança e Protecção de Dados Pessoais, também conhecida como Convenção de Malabo, em Malabo, Guiné Equatorial, no dia 27 de Junho de 2014.

Tem como objectivo definir os regulamentos críticos para o estabelecimento de um ambiente digital seguro e abordar as lacunas na legislação e no reconhecimento jurídico de comunicações e assinaturas electrónicas. Também visa lidar com a ausência de regulamentos específicos que protegem os consumidores, os direitos de propriedade intelectual, sistemas de dados e de informação pessoal, assim como a privacidade online.

Actualmente, apenas oito países africanos ratificaram o acordo.

O Conclave de Segurança de Dados de África afirma que as disposições fundamentais da Convenção de Malabo incluem:

- Definir as regras essenciais para a criação de um espaço digital credível para transacções electrónicas, protecção de dados pessoais e combate ao cibercrime.
- Criar uma estrutura jurídica visando o fortalecimento dos direitos fundamentais e das liberdades públicas, protecção de dados físicos e punir qualquer violação da privacidade "sem prejuízo do livre fluxo de dados pessoais."
- Adoptar medidas legislativas e/ou regulamentares conforme necessário para colocar responsabilidades específicas sobre instituições e seus funcionários em relação às suas respostas para os incidentes de cibersegurança.
- Promover a responsabilização em assuntos de cibersegurança a todos os níveis do governo, definindo os seus papéis e responsabilidades em termos precisos.
- Criar uma autoridade nacional de protecção como uma entidade administrativa independente encarregue de garantir que a abertura de processos de dados pessoais seja regulada de forma adequada.
- Desenvolver parcerias público-privadas como um modelo para envolver a indústria, a sociedade civil e a academia na promoção e melhoria de uma cultura de cibersegurança.
- Firmar parcerias internacionais que visam regular questões de dupla responsabilização criminal, troca de informação entre países e resposta a ameaças cibernéticas.

Num nível mais básico, o realismo dos videogames modernos é tal que jogadores com intenção de violência no mundo real podem praticar as suas tácticas enquanto jogam.

a retirar elementos de videogames famosos, especialmente a famosa série Call of Duty, para utilizar para o recrutamento e prática. Videogames de tiro em primeira pessoa são utilizados por milhares de pessoas, geralmente com idades abaixo de 30 anos e na sua maioria do sexo masculino — um dado demográfico de extrema importância para os grupos extremistas.

A Rede de Sensibilização para a Radicalização (RAN, na sigla inglesa) afirmou que jogos, como Call of Duty e Grand Theft Auto, permitem que os utilizadores criem as suas próprias modificações, que podem ser abusadas por extremistas. "Esta táctica coloca motores poderosos (de jogos) à disposição de extremistas," comunicou a rede.

"As modificações dos extremistas atraem atenção da imprensa e oferecem a ilusão de celebridade e competência técnica àqueles que não estão familiarizados com a facilidade com qual as modificações podem ser criadas," anunciou a RAN, em 2020. "Não está claro se os videogames modificados alguma vez tiveram um impacto sobre o recrutamento para além da propaganda."

Muitos destes jogos ligados em rede incluem uma característica do chat que permite que os jogadores se comuniquem. "Os recrutadores podem ter como alvo pessoas em plataformas abertas e começam a criar relações antes de convidarem estas pessoas para ambientes mais fechados," disse a RAN.

Num nível mais básico, o realismo dos videogames modernos é tal que jogadores com intenção de violência no mundo real podem praticar as suas tácticas enquanto jogam. O terrorista Anders Breivik assassinou 77 pessoas em Oslo, Noruega, em 2011, treinou para o seu alvoroço jogando Call of Duty. Num manifesto que Breivik escreveu, ele considerou o "Call of Duty: Modern Warfare 2" como "provavelmente o melhor simulador militar que existe" e disse que considerava o jogo como "parte da minha simulação do treino."

Participantes jogam Call of Duty WWII, numa conferência sobre videogames. Investigadores afirmam que os grupos terroristas estão a retirar elementos de tais jogos para utilizar para o recrutamento e para a prática. THE ASSOCIATED PRESS

Chefes de Estado africanos participam da Assembleia da União Africana, em Adis Abeba, Etiópia, em Fevereiro de 2022.
THE ASSOCIATED PRESS

PROTECÇÃO NECESSÁRIA

Pesquisas demonstram que os governos nacionais precisam de ser mais proactivos para protegerem a si próprios de ataques cibernéticos. Nos últimos 10 anos, a página da internet ligada a assuntos jurídicos, JD Supra, anunciou que 33 países africanos promulgaram leis e adoptaram regulamentos sobre a cibersegurança, crimes cibernéticos, transacções electrónicas e protecção de dados.

Economicistas e profissionais de tecnologia apelaram aos países africanos para ratificarem a Convenção de Malabo, que foi descrita como sendo um dos acordos de cibersegurança mais elaborados do mundo. O seu objectivo é de estabelecer uma "estrutura credível de cibersegurança em África, através da organização de transacções electrónicas, protecção de dados pessoais, promoção de cibersegurança, governação electrónica e combate ao crime cibernético."

Até agora, apenas oito países africanos ratificaram o Acordo de Malabo. Para que entre em vigor, pelo menos 16 países africanos devem adoptá-lo.

Allen, do ACSS, disse que não existem profissionais de cibernética altamente qualificados e disponíveis para combater as ameaças. O continente encontra-se numa corrida para estar a par destes desenvolvimentos.

"A falta de uma resposta eficaz deve-se, em parte, a défices na capacidade," escreveu Allen. "O continente enfrenta uma lacuna crescente de 100.000 pessoas em termos de profissionais de cibersegurança certificados. Muitas organizações, empresas e agências têm falta de consciencialização de cibernética básica e não conseguem implementar medidas de cibersegurança rudimentares. Os governos frequentemente não conseguem fazer a monitoria de ameaças, colher evidências digitais forenses e processar crimes informáticos. Noventa e seis por cento de incidentes de cibersegurança não são registados ou resolvidos, significando que as ameaças cibernéticas em África tendem a ser muito piores do que o reconhecido."

Uma preocupação particular será criar um equilíbrio entre acabar com o cibercrime e os ataques cibernéticos enquanto se preservam os direitos humanos. Os ciberterroristas, disse Boukhars, precisam de ser definidos com "precisão," para que não sejam restringidos os direitos dos cidadãos normais. Ele observou que as tecnologias de vigilância, muitas vezes, têm sido utilizadas para restringir dissidentes políticos legítimos.

Cronin disse que os governos podem "corrigir demasiadamente" a questão da vigilância, espiando os seus próprios cidadãos. Este acto de espiar destrói a legitimidade de um governo e o seu Estado de Direito. Ela disse que a legitimidade do governo deve ser mantida por um equilíbrio entre seguir os maus actores e preservar os direitos humanos. ❑

Autodidacta Produtor de Guitarras da RDC

AJUDA ESTRELAS

REUTERS

Num galpão de latão nas ruas de Kinshasa, a capital da República Democrática do Congo (RDC), um idoso de 61 anos de idade, com pés descalços, Jean-Luther Misoko Nzalayala, conhecido como Socklo, bate com uma catana num pedaço de madeira que começa a assemelhar-se a um braço de uma guitarra.

Mais tarde, ele martela fragmentos de plástico branco de uma cadeira para o braço como um revestimento para ajudar a orientar os executantes nas escalas e utiliza fios de cabo de travão de uma motorizada como cordas.

Por mais de 40 anos, o autodidacta produtor de instrumentos utilizou uma variedade de materiais reciclados e madeiras de folhosas locais para criar guitarras. A paixão de Socklo começou na sua aldeia de Kikwit, na RDC, em 1975, quando desmontou e copiou a guitarra que um amigo lhe tinha oferecido.

Três anos depois, mudou-se para Kinshasa, onde vendeu a sua primeira guitarra ao seu primo. "Não podia imaginar que pessoas de uma cidade como Kinshasa podiam gostar de uma guitarra como esta. Isso me encorajou."

Ele utilizou as reacções negativas para melhorar a sua arte e afinar os seus designs. Em pouco tempo, músicos locais e internacionais estavam a acorrer ao seu galpão de latão.

Produtor de guitarras, Misoko Nzalayala Jean-Luther, conhecido como Socklo, toca uma guitarra na sua oficina, em Kinshasa, República Democrática do Congo.

O astro da música congolesa, Jupiter Bokondji, gostou do som das guitarras de Socklo e pediu que ele fizesse uma guitarra eléctrica. O resultado, disse Bokondji, é muito mais autêntico do que as principais marcas de guitarra, que custam até 20 vezes mais.

"Eu toquei-a em todo o mundo, todos ficam maravilhados," disse Bokondji. "Ver aquela guitarra a fazer o que faz, a forma como toca, é como um tornado."

Yarol Poupaud, um guitarrista francês que esteve em turnê com o cantor de rock 'n' roll, Johnny Hallyday, durante anos, comprou quatro das criações de Socklo.

"Tem pequenas imperfeições; não é perfeita, mas isso realmente faz a magia," disse Poupaud, dedilhando numa magnífica guitarra azul embelezada com a bandeira da RDC.

MANTENDO A TRADIÇÃO VIVA,

ARTISTAS ESCULPEM OSSOS DE CAMELO

REUTERS

O artesão somali, Muse Mohamud Olosow, vasculha cuidadosamente uma grande pilha de ossos de camelo descartada por um matadouro, em Mogadício, à procura de pedaços que irá esculpir, transformando-os em joalharias e colares ornamentados, utilizados por colegas muçulmanos durante orações de recitação.

Para o conhecimento de Olosow, ele é um de apenas quatro artesãos do seu país de 16 milhões de habitantes, que trabalham com ossos de camelos. Em 1978, num dos muitos períodos de guerra e turbulência da Somália, homens armados mataram dezenas de artesãos em Mogadício e outras cidades, disse.

Durante anos, esculpiu os seus ossos de forma secreta em casa e posteriormente levou-os aos mercados para vendê-los discretamente.

Olosow, cujas mãos apresentam calos e os braços apresentam músculos por causa do seu trabalho, aprendeu a arte do seu pai, em 1976.

Ele pretende garantir que esta tradição de décadas não desapareça depois de ele partir.

"Os meus filhos irão herdar estas habilidades de mim que herdei de meu pai," disse ele a partir da sua oficina, na capital da Somália. "Não quero que estas habilidades parem por aqui." Os seus clientes, na sua maioria, são oficiais do governo ou somalis ricos que vivem no estrangeiro. Apenas um conjunto destes rosários de oração meticulosamente esculpidos pode custar cerca de 50 dólares, num país onde sete em cada 10 pessoas vivem com menos de 2 dólares por dia.

Um cliente que visita a sua loja diz que o trabalho justifica o preço. "O que importa é a qualidade, não o preço. Prefiro estes a rosários importados de outros países como a China."

Para Olosow e sua família, esculpir ossos foi a sua principal fonte de rendimento durante décadas. Eles investiram aproximadamente 5.000 dólares para importar máquinas da Itália para esculpir e perfurar ossos rígidos, disse, fazendo com que seja mais rápido e mais seguro trabalhar "sem ferimentos."

"O nosso plano é de exportar estes itens para outros países," disse. "Iremos continuar com esta arte de esculpir até ficarmos ricos! Se Deus quiser."

Artesão somali, Muse Mohamud Olosow, na sua oficina, trabalha em rosários ornamentados feitos a partir de ossos de camelo descartados, em Mogadício. REUTERS

AFP/GETTY IMAGES

Estrela de Ténis Joga para o

'MEU PAÍS, MEU CONTINENTE E MINHA REGIÃO'

EQUIPA DA ADF

A tunisina Ons Jabeur devolve um forehand durante um torneio de 2021, nos Estados Unidos.

A jogadora tunisina de ténis, Ons Jabeur, chamou a atenção do mundo quando ganhou o título em juniores do Open da França, em 2011. Agora, ela diz que o ténis é mais do que apenas um desporto para ela.

O seu país tem pouca coisa feita no que diz respeito a infra-estruturas de ténis e não possui um caminho consolidado para que os jogadores se tornem profissionais. Jabeur disse que deseja mudar esta situação.

"Eu já não jogo para mim. Jogo para o meu país, o meu continente e a minha região," Jabeur disse ao The National, um jornal dos Emirados Árabes Unidos. "O ténis para mim não é apenas um desporto. Procuro dar um exemplo às pessoas que desejam estar aqui um dia, para terem esta oportunidade de competir."

Até ao início de 2022, ela posicionava-se em 10º lugar no ranking mundial, tornando-a na tenista africana com melhor classificação, em masculinos e em femininos, nessa altura.

Ela tinha 16 anos de idade quando ganhou a divisão de juniores do Open da França, tornando-se na primeira atleta júnior do norte de África a ganhar este título. Desde essa altura, a sua carreira como tenista profissional enfrentou alguns desafios. Ela teve de retirar-se do Open da Austrália de 2022 por causa de uma lesão nas costas. Mas conseguiu consolidar-se muito bem como uma das principais atletas do torneio da Associação de Ténis Feminino.

"Sei que existem muitas mulheres em outros países que não são capazes de fazer isso, e ao representar as mulheres árabes posso dar o exemplo," disse ela ao The National. "É muito importante para mim e espero que eu consiga partilhar esta mensagem."

Tendo crescido na Tunísia, por vezes, não teve acesso a uma quadra de ténis da escola ou de um clube, o que a obrigava a praticar nas quadras de ténis de hotéis vizinhos. Jabeur começou a jogar no circuito júnior da Federação Internacional de Ténis em 2007 quando completou 13 anos de idade.

Com as suas habilidades e o apoio dos seus pais, treinou na Bélgica e na França, desde os seus 16 anos.

Um helicóptero da unidade de segurança marítima da Nigéria prepara-se para salvar membros da unidade como parte de um exercício de combate à pirataria, em Lagos.

REUTERS

PIRATARIA GLOBAL CAI PARA O NÍVEL MAIS BAIXO EM 18 ANOS

DEFENCEWEB

A pirataria e os roubos armados no mar caíram para os seus níveis mais baixos em 18 anos, em 2021. O Gabinete Marítimo Internacional (IMB, na sigla inglesa) está a dar o crédito à "vigorosa acção" das autoridades na protecção dos navegadores.

Em 2021, o Centro de Denúncias de Pirataria do IMB recebeu denúncias de 132 incidentes de pirataria e roubos armados contra navios. Houve abordagem em 115 embarcações, 11 tentativas de ataque, cinco embarcações foram alvos de tiroteios e uma embarcação foi sequestrada. O Golfo da Guiné continua a ser o local com mais proliferação de pirataria no mundo.

O Director do IMB, Michael Howlett, acolheu com agrado a notícia da redução de incidentes e apelou que os Estados costeiros permanecessem atentos ao risco e combatessem "de forma robusta" o crime nas suas zonas económicas exclusivas.

"Enquanto o IMB aplaude estas acções, apela mais ainda aos Estados costeiros do Golfo da Guiné a aumentarem a sua colaboração e presença física nas suas águas para garantir uma solução sustentável e a longo prazo de modo a combater o crime de pirataria e de roubos armados na região," disse Howlett.

O aumento da presença de embarcações navais internacionais e a cooperação com as autoridades regionais desempenhou um papel na redução, disse Howlett. Isso inclui acções da Marinha Real Dinamarquesa, que respondeu aos tiros de uma lancha que transportava oito suspeitos piratas em Novembro de 2021, matando quatro deles e capturando os outros.

A região do Golfo da Guiné registou uma redução de relatos de incidentes, de 81 em 2020 para 34 em 2021. Os sequestros no mar baixaram em 55% em 2021 no Golfo. O Golfo da Guiné continua a representar todos os incidentes de raptos a nível mundial, com 57 membros da tribulação sendo levados em sete incidentes.

O Centro de Denúncias de Pirataria do IMB alertou que a ameaça contra os transportadores marítimos persiste e continua a apelar as tripulações e as embarcações que navegam nestas águas para serem cautelosas. Isso porque os perpetradores são violentos e o risco para as tripulações continua alto. A prova disso é o sequestro de seis membros da tripulação de um navio porta-contentores em meados de Dezembro de 2021.

Quénia Constrói Base de Dados de DNA Para Conter a Pesca Ilegal

EQUIPA DA ADF

O Quénia está a criar uma base de dados de DNA das suas espécies marinhas, para conservar os seus recursos aquáticos devido à pesca ilegal generalizada. O exercício envolve a colheita de espécies e sua catalogação para ajudar o governo a levar casos de pesca ilegal a julgamento. Desde que o programa começou, em 2022, o Quénia já produziu códigos de barras para cerca de 115 espécies, incluindo, tubarões, raias, crustáceos e moluscos.

"Quénia possui mais de 6.000 espécies comerciais e durante anos não podíamos reivindicar qualquer peixe capturado ilegalmente originário do país," Thomas Mkare, um cientista pesquisador sénior do Instituto de Pesquisas Marinhas e de Pescas do Quénia, disse ao The East African. "Com este exercício científico, seremos capazes de reivindicar os nossos recursos, uma vez que apesar de o peixe ser semelhante fisicamente, cada um possui uma identificação molecular especial associada a uma certa região."

O projecto, que se espera durar vários anos, começou depois que Francis O. Owino, o recentemente nomeado secretário principal do Departamento de Estado para Pescas, Aquacultura e Economia Azul, em Março de 2021, apelou os cientistas do instituto para melhorarem a pesquisa, uma vez que o país procura estimular a sua economia azul.

"O país exige que vocês forneçam respostas como pesquisadores para levar o país para o próximo nível," disse Owino numa reportagem da Science África. "Exigimos que vocês forneçam respostas para os desafios da pesca que enfrentamos como país."

Uma vez estabelecida, espera-se que a biblioteca de referência possa fortalecer a segurança alimentar, contribuindo para uma colheita sustentável. Através da base de dados, o peixe vendido em qualquer lugar do mundo pode ser rastreado de volta para as águas quenianas, utilizando os seus identificadores únicos de DNA.

Os recursos marinhos do Quénia encontram-se em declínio devido a um influxo de arrastões industriais estrangeiros, incluindo aqueles que são provenientes da China. Analistas afirmam que a pandemia da COVID-19 também fez com que os desempregados se envolvessem na pesca ilegal para a obtenção de rendimentos.

Um relatório compilado pela Global Fishing Watch revelou que 230 arrastões de pesca foram operados ao largo da costa do Quénia, entre Maio e Agosto de 2021. Muitos deles eram de propriedade de empresas da China e da Itália, comunicou a Africanews.

AFP/GETTY IMAGES

NOVO SISTEMA DE PAGAMENTO *Ajuda o Comércio Intra-Africano*

EQUIPA DA ADF

Um novo sistema está a ajudar os retalhistas a fazerem vendas além-fronteiras. O Sistema Pan-Africano de Pagamentos e Liquidações (PAPSS, na sigla inglesa) foi lançado em Acra, Gana, em Janeiro de 2022. O mesmo permite que os compradores façam pagamentos numa moeda nacional para que um vendedor de um outro país possa ser pago na sua própria moeda local. Foi concebido para abrir o comércio entre os países africanos e processar pagamentos em menos de dois minutos.

"Existem 42 moedas em África. Queremos garantir que um comerciante de Gana possa transferir cedis ganeses para a sua contraparte do Quénia, que irá receber xelins quenianos," Wamkele Mene, Secretário-Geral do Secretariado da Zona de Comércio Livre Continental Africana (AfCFTA), disse ao New Times, do Ruanda.

Mene disse que as conversões de moeda custam a África cerca de 5 bilhões de dólares anualmente. Ao facilitar este processo, o PAPSS pode manter este dinheiro no continente e pode eventualmente permitir uma redução da dependência de moedas estrangeiras.

"Por que devemos precisar de moedas fortes para o comércio entre Quénia e Uganda ou entre Senegal e Guiné?" Benedict Oramah, Presidente do Banco Africano de Exportações e Importações (Afreximbank), disse ao The Africa Report. "Por que não podemos operar como se todas as moedas africanas fossem convertíveis em África?"

O PAPSS foi desenvolvido pelo Afreximbank e é uma iniciativa conjunta que inclui a União Africana e a AfCFTA. A ideia do projecto remonta desde 2016, quando os organizadores estudavam os sistemas de pagamento e operadores de toda a África. No ano seguinte, a West African Monetary Zone concordou em implementar um plano piloto como uma prova de conceito.

O Afreximbank está a apoiar o sistema, fornecendo garantias de liquidação e facilidades de saque a descoberto.

O programa iniciou em Agosto de 2021 com testes de transacções envolvendo bancos centrais de Gambia, Gana, Guiné, Libéria, Nigéria e Serra Leoa. Foi lançado comercialmente em 2022. O PAPSS possui acordos com 12 bancos comerciais e quatro plataformas de distribuição de pagamentos.

Para além de facilitar os pagamentos além-fronteiras, o sistema também está a fazer investimentos em títulos, formalizando sistemas de pagamentos anteriormente informais e implementando salvaguardas para garantir que não seja utilizado por criminosos.

"O PAPSS irá preencher uma verdadeira lacuna, adaptando os requisitos do conhecimento do seu cliente e do branqueamento de capitais no contexto africano," vice-presidente do Banco Africano de Desenvolvimento, Solomon Quaynor, disse ao The Africa Report. "A infra-estrutura oferecida pelo PAPSS irá reforçar significativamente a integração intra-regional e o comércio intra-africano."

FORÇAS ARMADAS DO GANA

MARINHA DO GANA ACRESCENTA QUATRO EMBARCAÇÕES PARA GARANTIR A SEGURANÇA DE INTERESSES DE PETRÓLEO NO MAR

EQUIPA DA ADF

Comodoro Samuel Walker, general do Comando Naval Ocidental, profere um discurso durante a cerimónia que comemora a aquisição de quatro novas embarcações para a frota da Marinha do Gana. FORÇAS ARMADAS DO GANA

A marinha do Gana acrescentou quatro novas embarcações de segurança offshore à sua frota, num esforço para proteger as pessoas e as indústrias que operam na sua zona económica exclusiva.

O Chefe do Estado-Maior da Marinha, Contra-Almirante Issah Adam Yakubu, recebeu as embarcações Flex Fighter durante uma cerimónia, no Porto de Takoradi, no dia 10 de Janeiro de 2022. Os barcos blindados, de 40 metros, possuem espaço para mais de 70 pessoas e podem transportar 60 toneladas de carga. A aquisição faz parte de um esforço maior para proteger as infra-estruturas de petróleo offshore da pirataria.

"Posso assegurar-vos que nos próximos meses, iremos intensificar a nossa fiscalização e vigilância com base nesta capacidade que estamos a criar e iremos cortar este cancro [crime no Golfo da Guiné] pela raiz," disse Yakubu ao My Joy Online.

Nestes últimos anos, guardas de segurança privada proliferaram na região para proteger o trabalho de petróleo e gás no alto mar. O jornal ganês, The Daily Graphic, noticiou que, com início em 2022, apenas navios da marinha do Gana terão a permissão de proteger estas instalações. Tullow Oil e os seus parceiros que operam nos campos de Jubilee Oil, ao largo da costa do Gana, assinaram um memorando de entendimento, com duração de cinco anos, com a marinha do Gana para garantir a segurança das infra-estruturas de petróleo e do pessoal.

Durante um evento, o Comodoro Samuel Walker, general do Comando Naval Ocidental, disse que os barcos serão de grande ajuda para melhorar a capacidade da Marinha do Gana de proteger os campos de petróleo e garantir receitas para o país, reportou a revista Ghana Peace Journal.

Ele felicitou os primeiros marinheiros escolhidos para fazer parte dos trabalhos nas embarcações e apelou-os a manterem os mais elevados níveis de profissionalismo e continuarem vigilantes quanto à manutenção da embarcação.

QUÉNIA DEVERÁ CONSTRUIR UM CENTRO DE COMBATE A DEIS

EQUIPA DA ADF

O Quénia está a construir um centro de combate a dispositivos explosivos improvisados (C-IED), em Embakasi, para lutar contra ameaças extremistas na região.

As novas instalações, localizadas na Escola Humanitária de Apoio à Paz, são financiadas pela Alemanha e pelo Reino Unido. Desde 2016, a ala C-IED formou mais de 1.700 militares e agentes da polícia do Quénia e de outros 21 países.

Durante a cerimónia de lançamento da primeira pedra, especialistas das Forças de Defesa do Quénia (KDF) demonstraram como detonar de forma segura um DEI, utilizando um robot controlado de forma remota. Eles também demonstraram como uma garrafa de água pode ser utilizada como um dispositivo explosivo.

Um soldado das Forças de Defesa do Quénia demonstra técnicas durante um evento que comemora a construção de um novo centro para formar forças de segurança para detectarem e desarmarem explosivos improvisados. FORÇAS DE DEFESA DO QUÉNIA

"Os DEIs são assassinos; eles não apenas matam soldados, mas também agentes da polícia e civis," Embaixador-Adjunto da Alemanha, Thomas Wimmer, disse no evento. "Esta é a razão pela qual a Alemanha está disposta a financiar a ala de combate aos DEIs. Ela realmente ajuda a impedir que pessoas sejam mortas, mutiladas e feridas."

Os DEIs são a arma mais letal empregue pelo grupo extremista al-Shabaab. Entre Janeiro de 2017 e Abril de 2020, explosões de DEIs mataram 153 tropas da Missão da União Africana na Somália (AMISOM) e 489 forças de segurança da Somália. O Quénia contribui com tropas para a AMISOM.

"Estes dispositivos representam a maior ameaça para as KDF e para as tropas de outros países contribuintes que estão a lutar contra o al-Shabaab como parte da Missão da União Africana na Somália," Josephine Gauld, delegada do alto comissariado britânico para o Quénia, disse durante a cerimónia.

Gauld, disse que o centro C-IED faz parte do centro de excelência em expansão, em Embakasi, onde as forças armadas da região podem aprender habilidades necessárias para combater uma variedade de ameaças.

"A Escola Humanitária de Apoio à Paz é uma iniciativa única no continente africano, fornecendo uma fundação sólida na qual se pode criar um centro de excelência regional competente e capaz onde a polícia e o pessoal militar de toda a África Oriental e Austral recebe treinos de remoção de DEIs que ajudam a promover a segurança e a estabilidade na Somália," disse.

A primeira fase da construção irá custar cerca de 2,6 milhões de dólares e irá incluir 12 edifícios.

EVENTO CIVIL-MILITAR OFERECE CUIDADOS VETERINÁRIOS GRATUITOS

EQUIPA DA ADF

Durante três dias, em Fevereiro de 2022, pastores da região sudoeste do Níger trouxeram o gado e outros animais para receberem cuidados veterinários de que tanto precisavam, num evento gratuito.

Durante o evento de Gaya, veterinários trataram de mais de 13.000 animais com vacinas e vitaminas. Os organizadores também ofereceram rádios de bolso, que funcionam à base de energia solar, que permitem que os pastores possam acompanhar a temperatura e os desenvolvimentos da segurança na região.

Este evento foi um dos muitos organizados pela divisão da Acção Civil-Militar (ACM) das Forças Armadas Nigerinas (FAN), cujo objectivo é de apoiar as comunidades vulneráveis e criar confiança entre o exército e os civis.

A unidade ACM da Base Aérea 101, em Niamey, organizou o evento veterinário com o apoio dos soldados dos Assuntos Civis dos EUA estacionados naquela base. Eventos semelhantes têm sido promovidos ao redor da Base Aérea 201, em Agadèz.

Um pastor de gado nigerino exibe um certificado de gado saudável, depois de um evento veterinário gratuito, em Gaya, organizado pela divisão de Acção Civil-Militar das Forças Armadas Nigerinas. EMBAIXADA DOS EUA NO NÍGER

"As diferentes acções das forças de defesa e segurança e parceiros americanos são recebidas com gratidão pelas populações locais," disse o Capitão Badagé Oumarou, comandante da Base Aérea 201, depois de um evento, em 2021, em que soldados ofereceram arroz, bolas de futebol e tapetes para oração. "A população de Teghazert demonstrou a sua gratidão e apelou que pudéssemos expandir e continuar o esforço."

Durante o seu primeiro ano, a unidade ACM de Agadèz realizou 11 missões de ajuda na região, ajudando aproximadamente 4.200 residentes com produtos alimentares de primeira necessidade e materiais de higiene para protegê-los da COVID-19.

"Doações como estas demonstram o valor a longo prazo dos esforços dirigidos das FAN/ACM, especialmente numa altura em que a unidade continua a expandir o seu alcance e a servir mais comunidades," disse o Sargento Joseph Bovee, um soldado dos Assuntos Civis dos EUA.

©UNICEF MALAWI/ATLAS MEDIA

Malawi Implementa Programa de Rede Mosquiteira

EQUIPA DA ADF

O Malawi começou uma distribuição em massa de redes mosquiteiras para alcançar a maior parte dos 19 milhões de habitantes daquele país.

As redes reduzem a propagação da malária que, no Malawi, representa 36% de todos os pacientes do ambulatório e 15% dos internamentos hospitalares.

Khumbize Kandodo Chiponda, Ministra de Saúde do Malawi, anunciou a campanha apoiada pelo Global Fund durante a comemoração do Dia da Malária da Comunidade para o Desenvolvimento da África Austral. Ela disse ao Nyasa Times que a esperança era que as 9 milhões de redes do programa pudessem cada uma delas alcançar duas pessoas que partilham um espaço coberto por rede ou uma cama.

Ela também disse que os profissionais de saúde irão oferecer medicamentos antimaláricos a todas as mulheres grávidas para impedir que elas sofram da doença durante a gravidez.

Malária é a doença mais mortal no Malawi. Em 2020, a malária matou 2.500 pessoas naquele país, mais do que qualquer outra doença, incluindo a COVID-19.

Chiponda disse que a campanha enfrenta grandes desafios. "E um dos desafios é que quando se distribuem as redes, descobre-se que, especialmente ao longo do lago, elas são utilizadas para a pesca e coisas semelhantes," disse à Voz da América.

Para reduzir a possibilidade deste mau uso, a campanha também envolve a sensibilização dos beneficiários sobre a importância de dormir debaixo de uma rede.

"África gasta cerca de 12 bilhões de dólares em malária anualmente," disse Chiponda ao Nyasa Times. "Anulamente, 400.000 pessoas morrem de malária na região da SADC [Comunidade para o Desenvolvimento da África Austral]. Por isso, como Estados-membros da SADC, estamos a reunir para garantir que combatemos a malária."

Teste de Novo Medicamento Oferece Esperança a Milhares

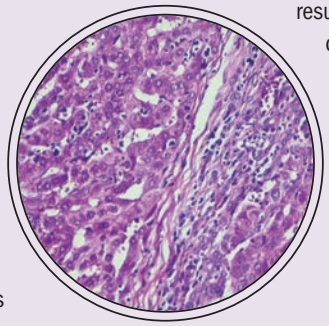
REUTERS

Uma versão ajustada de um medicamento concebido para tratar esquistossomose, uma doença tropical causada por um verme parasítico, tem estado a demonstrar que funciona em crianças em idade pré-escolar, que pode provavelmente oferecer uma cura para milhares.

A empresa química alemã, Merck KGaA, reportou que, num último estágio de testes na Costa do Marfim e no Quénia, mais de 90% dos participantes, crianças infectadas com idades entre os 3 meses e 6 anos, não tiveram mais ovos do parasita nas suas fezes ou urina depois de cerca de três semanas de tratamento.

A empresa disse que agora irá procurar aprovação regulamentar para produzir e distribuir o medicamento oral. Arpraziquantel é uma versão pediátrica experimental do medicamento padrão praziquantel.

Também demonstrou ser seguro e bem tolerado, confirmou a empresa.



Amostra da patologia humana de esquistossomose no microscópio

O Consórcio Pediátrico do Praziquantel confirmou os resultados positivos e disse que a esquistossomose é uma das doenças parasíticas mais prejudiciais do mundo. A Organização Mundial de Saúde comunicou que 105,4 milhões de pessoas receberam tratamento da doença em 2019.

Praziquantel é o tratamento padrão para crianças em idade escolar e para adultos, deixando uma estimativa de 50 milhões de bebés e crianças em idade pré-escolar sem opção de tratamento.

A doença, também conhecida como bilharziose, é causada por vermes parasíticos. Propaga-se através de caracóis de água doce em regiões tropicais e subtropicais em todo o mundo, mas maioritariamente afecta mais comunidades pobres e rurais da África Subsaariana.

Primórdios da Humanidade *Recuados em 30.000 Anos*

EQUIPA DA ADF

A idade dos fósseis mais antigos na África Oriental amplamente reconhecidos como estando a representar a espécie humana há muito esteve incerta. Agora, a datação de uma enorme erupção vulcânica na região sudoeste da Etiópia revela que alguns dos fósseis são mais antigos do que se pensava anteriormente.

Cientistas descobriram os vestígios, conhecidos como Omo I, na Etiópia, em finais da década de 1960, reportou o SciTechDaily. Eles têm estado a tentar datá-los de forma precisa desde essa altura, utilizando impressões digitais químicas de camadas de cinzas vulcânicas encontradas acima e abaixo dos sedimentos em que os fósseis foram descobertos.

Agora, uma equipa internacional de cientistas, dirigida pela Universidade de Cambridge, reavaliou a idade dos vestígios do Omo I e dos humanos — homo sapiens — como uma espécie. A datação inicial dos fósseis colocavam-nos há menos de 200.000 anos de idade, mas a nova pesquisa demonstra que eles devem ser mais antigos do que uma erupção vulcânica colossal que ocorreu 230.000 anos atrás. Os resultados foram publicados no jornal Nature.

"A Formação Omo Kibish é um extensivo depósito sedimentar que dificilmente foi possível aceder e investigar no passado," disse o Professor Asfawossen Asrat, da Universidade de Adis Abeba, conforme reportado pela Universidade de Cambridge. "O nosso olhar minucioso na estratigrafia [a ordem e a posição das camadas de vestígios arqueológicos] da Formação Omo Kibish, particularmente as camadas de cinzas, permitiu-nos recuar a idade do mais antigo Homo sapiens da região para pelo menos 230.000 anos."

Aquela região etíope possui uma longa história de elevadas actividades vulcânicas e é fonte de antigos vestígios humanos e artefactos, como bancos de pedra.

"O Omo I possui características humanas modernas inequívocas, como uma abóbada cranial alongada e globular e um queixo," Dr. Aurélien Mounier, do Musée de l'Homme de Paris, reportou no estudo. "A nova estimativa de data, de facto, faz com que este seja o mais antigo homo sapiens incontestado de África."

Cientistas actualizaram a sua pesquisa em fósseis humanos encontrados na formação Omo Kibish, no sudoeste da Etiópia.

FOTO DE JOHN FLEAGLE/FUNDAÇÃO NACIONAL DE CIÊNCIAS

Somália Abre Centro De Monitoria de Gafanhoto

EQUIPA DA ADF

Desde finais de 2019, a região do Grande Corno de África esteve a lidar com a pior invasão de gafanhotos do deserto em décadas. Agora, a Somália abriu um centro de detecção de gafanhotos para ajudar a lidar com a crise.

Os gafanhotos têm destruído dezenas de milhares de hectares de terras de cultivo e de pastagem. Na Somália, onde a maioria da população depende da agricultura e da pastorícia para os seus meios de subsistência, secas e cheias recorrentes prejudicaram significativamente a segurança alimentar dos agregados familiares. A crise dos gafanhotos do deserto apenas tornou a vida mais difícil.

A Somália, juntamente com a Organização das Nações Unidas para a Alimentação e Agricultura, abriu o Centro Nacional de Monitoria e Controlo do Gafanhoto do Deserto, em Qardho, no nordeste do país.

AFP/GETTY IMAGES

O Ministro da Agricultura e Irrigação da Somália, Said Hussein Iid, disse que o governo fez do controlo do gafanhoto do deserto e outras espécies invasoras uma prioridade e está a promulgar leis para proteger o país de invasões desta natureza, reportou o Hiiraan News, da Somália. O centro de monitoria será um recurso valioso de informação sobre invasões de gafanhotos em toda a região.

A ONU afirma que a Somália fez grandes ganhos na supressão de um dos maiores aumentos de gafanhotos do deserto na história recente.

Os gafanhotos do deserto podem causar grandes danos às culturas, porque os insectos são resistentes, possuem alta mobilidade e alimentam-se de grandes quantidades de qualquer tipo de vegetação, incluindo culturas, pastagens e forragens para o gado.

Um enxame típico pode ser composto por centenas de milhares de gafanhotos por quilómetro quadrado. Eles seguem voando na direcção dos ventos, viajando até 150 km por dia. São facilmente capazes de comer vegetação igual ao peso do seu corpo diariamente.

Benin Considerado Local de Abertura Rápida de Empresas

EQUIPA DA ADF

No passado, Benin era talvez mais conhecido pela sua exportação de algodão e pelas suas roupas de cores vivas. Mas agora é conhecido pela simplificação de documentação, permitindo que novas empresas sejam criadas de forma mais rápida do que em qualquer outro país africano.

Fornecendo um serviço completamente online, o governo ajudou os empreendedores a criarem empresas e empregos durante a pandemia da COVID-19. Um terço dos novos empreendedores do Benin são mulheres, de acordo com as Nações Unidas.

Um relatório da ONU descreveu como Sandra Idossou, uma empreendedora beninense abriu uma loja de artesanato na capital comercial daquele país, Cotonou. Com as restrições da COVID-19 em vigor e com as autoridades a exigirem o seu cumprimento, ela utilizou o seu smartphone para entrar na página de internet de registo de novas empresas no Benin. Em menos de 10 minutos, ela tinha inserido a sua informação, fotografado e carregado os seus documentos de identidade e pago com cartão de crédito.

Duas horas depois, recebeu um e-mail com os seus certificados de constituição, e a sua empresa estava oficialmente criada.

A sua loja, Kouleurs d'Afrik, agora vende produtos de artesanato feitos a partir de itens descartados encontrados pela cidade. "Se não tivesse sido por esta facilidade de criar uma empresa online, se tivesse de ir e ficar numa fila, esperar na fila, seguir o labirinto da administração para abrir uma empresa, eu não o teria feito," disse à Voz da América. "É tão simples quanto isso. Eu teria permanecido no sector informal."

Uma plataforma do governo digital da ONU, chamada eRegistrations, agora coloca o Benin, conjuntamente com a Estónia, como o país do mundo onde se pode abrir uma empresa de forma mais rápida. A média de tempo necessário para abrir uma empresa na União Europeia é de três dias enquanto em Nova Iorque é de sete dias.

O programa eRegistrations opera em outros países em vias de desenvolvimento, incluindo Lesoto e Mali. A plataforma faz com que os procedimentos oficiais sejam acessíveis e transparentes, particularmente para pequenas empresas. Os procedimentos administrativos com base em documentos físicos são caracterizados no mundo inteiro por filas longas fora dos escritórios governamentais, com horas de burocracia. Tais procedimentos também podem incluir idas a vários gabinetes, envolvendo formulários quase idênticos.

Táxis de África Mais Ecológicos

REUTERS

Em finais de 2021, Nopea Ride, o serviço de frota de táxi eléctrico do Quénia, abriu um centro de carregamento de veículos eléctricos (EV, na sigla inglesa), em Village Market, na capital, Nairobi, demonstrando a crescente demanda por mobilidade eléctrica na África Oriental.

A empresa finlandesa de táxis eléctricos tinha anunciado anteriormente que tinha planos de triplicar a sua frota em Nairobi, ajudando a reduzir as emissões resultantes do notório tráfico da cidade. EkoRent, a empresa-mãe de Nopea, agora possui cerca de 1.500 EVs na sua frota.

A empresa estoniana de transportes por demanda, Bolt, anunciou, em Outubro de 2021, que irá implementar táxis eléctricos na África do Sul. Veio quatro meses depois de a empresa ter introduzido serviços de entrega de produtos alimentares e-bike naquele país.

"Queremos implementar táxis de categoria ecológica na África do Sul nos próximos meses e temos planos para implementar categorias ecológicas em outros mercados africanos," disse Paddy Patridge, director regional da Bolt para África e Médio Oriente.

Os EVs fazem sentido para os negócios em África, principalmente no Quénia onde os preços de combustível flutuam sem aviso. Os motoristas de táxi e proprietários de veículos eléctricos ou híbridos têm melhores lucros marginais e maiores distâncias percorridas entre as manutenções.

Em Maio de 2020, Vaya Africa, uma empresa de mobilidade em que o utilizador solicita os serviços por meio de um aplicativo, fundada pelo magnata zimbabweano, Strive Masiyiwa, divulgou um serviço de táxi eléctrico e uma rede de carregamento no Zimbabwe, com planos para expandir para todo o continente.

NOPEA RIDE

PNEUS USADOS SÃO OURO PRETO

REUTERS

Na Nigéria, um país que depende muito de rendimentos provenientes de exportações de petróleo, a empreendedora Ifedolapo Runsewe identificou um outro tipo de ouro preto: pneus usados de carros.

Um homem organiza tijoleiras mistas de borracha fabricadas a partir de pneus de carro reciclados na fábrica Freetown Waste Management Recycle, em Ibadan, Nigéria.

REUTERS

Ela criou a empresa de reciclagem, Freetown Waste Management Recycle, um estabelecimento industrial dedicado à transformação de antigos pneus em blocos de pavimentação, tijoleiras e outros bens que estão em alta demanda.

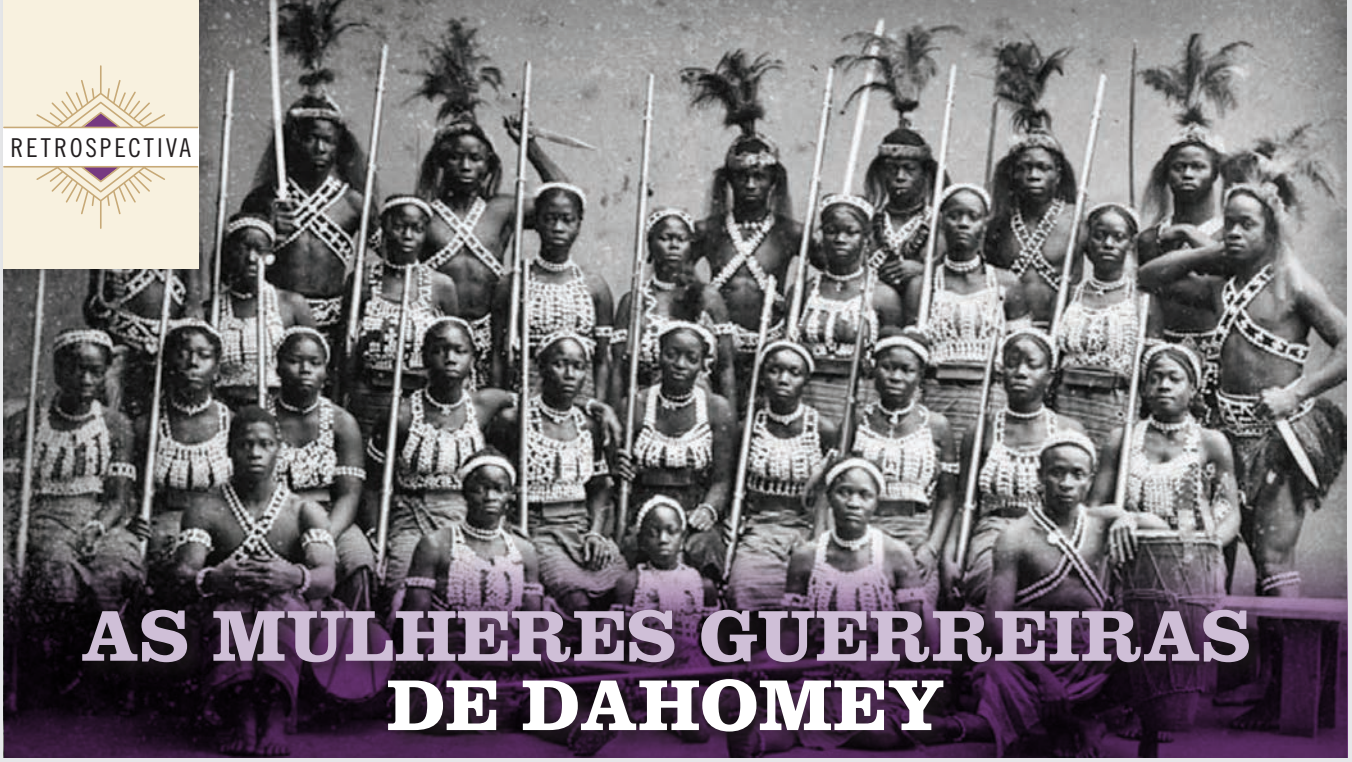
"Criar algo novo a partir de algo que de outra forma estaria deitado em algum lugar como desperdício foi parte da motivação," disse Runsewe, na sua fábrica em Ibadan. "Somos capazes de criar uma cadeia de valores completa em torno dos pneus," disse, segurando uma tijoleira que é um dos produtos mais vendidos da empresa.

A gestão de resíduos na Nigéria é, no mínimo, irregular. Nas aldeias, vilas e cidades, montes de resíduos são comuns, e os residentes, muitas vezes, queimam o lixo à noite por falta de um método de descarte mais seguro. Os pneus são de forma rotineira deitados e abandonados.

A Freetown depende de catadores que recolhem pneus antigos das lixeiras. Recebem 70 a 100 nairas (17 cents a 24 cents) por pneu. Alguns pneus também são fornecidos directamente por mecânicos, como Akeem Rasaq, que gostou de ter encontrado um lugar onde pode fazer algum dinheiro com pneus antigos.

"A maior parte dos pneus acaba nas drenagens públicas, obstruindo os drenos, mas as coisas mudaram," disse na sua loja, situada à beira da estrada.

A Freetown começou as operações em 2020, com apenas quatros funcionários. O crescimento foi tão rápido que a mão-de-obra subiu para 128. Até agora, mais de 100.000 pneus foram reciclados e transformados em material como lombas e pavimentação suave para parques.



AS MULHERES GUERREIRAS DE DAHOMEY

TROPENMUSEUM/WIKIMEDIA COMMONS

EQUIPA DA ADF

Em 1861, 3.000 mulheres-soldado, com armamento pesado, vieram contra uma muralha espinhosa durante uma demonstração de habilidades.

Rei Glele, o seu chefe em Dahomey, uma região que agora faz parte do Benin, estava ansioso por demonstrar a ferocidade e habilidade dos seus guerreiros. A muralha de 400 metros, foi reforçada com ramos de acácia, bem afiados, com 5 cm de comprimento.

As mulheres estavam descalças, armadas com paus e facas. Algumas delas – "Reappers" (as Ceifeiras) – tinham navalhas de 1 metro de comprimento que, disse o rei, podiam ser utilizadas para cortar um homem pela metade.

As guerreiras vieram contra a muralha, ignorando ferimentos enormes causados pelos espinhos. Elas seguiram para o topo, simulando um combate de corpo a corpo com um inimigo invisível. Desceram e voltaram a subir a muralha, desta vez, salvando um grupo de aldeões que agiam como prisioneiros.

A demonstração provou aos visitantes que as mulheres não eram figuras meramente cerimoniais. Elas, na verdade, eram os únicos soldados do destacamento feminino do mundo na altura em que estavam a servir em combate.

As mulheres guerreiras de Dahomey provavelmente tiveram a sua origem no Século XVII. Uma teoria afirma que elas começaram como caçadoras da tribo Fon. Contudo, Stanley Alpern, um especialista renomado em matéria de guerreiros, escreveu no seu livro de 1998, intitulado "Amazons of Black Sparta," que elas provavelmente começaram como guardas do palácio na década de 1720. Vieram depois a ser conhecidas como as "Mino," que significa "Nossas Mães," na língua Fon.

As mulheres de Dahomey lutaram em grandes batalhas. Alpern disse que nas quatro grandes campanhas, nos finais do Século XIX, pelo menos 6.000 ou mesmo 15.000 morreram em batalha.

Existem várias teorias sobre como as guerreiras de Dahomey vieram a existir, mas muitos acreditam que foi uma questão de necessidade — os homens Fon, como resultado de guerras e de comércio de escravos, estavam em desvantagem numérica de 10 para 1 em relação aos seus rivais da tribo Yoruba. Como resultado, as mulheres Fon foram recrutadas para combater.

Apenas existiam cerca de 600 mulheres guerreiras dahomianas até meados do Século XIX, quando o rei Ghezo aumentou o seu número para cerca de 6.000. Ele foi capaz de recrutar muitas mulheres para viverem como guerreiras, porque as mulheres de Dahomey daquele tempo viviam na pobreza e, muitas vezes, não recebiam um bom tratamento.

Como guerreiras, as mulheres viviam no acampamento do rei. O explorador Sir Richard Burton reportou que as mulheres recebiam alimentos, tabaco, bebidas alcoólicas e escravos.

As guerreiras eram exaustivamente treinadas para lutar, para resistir a grande dor e para sobreviver. Observadores afirmam que, apesar de elas não serem boas em relação ao uso de arma de fogo, eram especialistas em termos de combate corpo a corpo e no uso de facas.

Até princípios do Século XX, as mulheres estavam num estado de constante guerra sob o comando de reis ambiciosos. Mas quando a França invadiu com armas modernas, as mulheres foram derrotadas e as suas fileiras foram desmanteladas.

A sua bravura é resumida num credo que as mulheres alegadamente repetiam para demonstrar o seu espírito: "Aqueles que voltam da guerra sem terem conquistado devem morrer. Se recuarmos, a nossa vida fica à mercê do rei. Qualquer que seja a cidade que for atacada, devemos vencê-la ou enterramo-nos nas suas ruínas."

ONDE ESTOU?

DICAS

1. Humanos pescaram e caçaram nesta região há 2.000 anos, criando montes de mariscos, alguns dos quais possuem várias centenas de metros de comprimento.
2. Alguns dos montes contam com locais de sepultamento.
3. Esta área foi formada dentro do delta de três rios.
4. Inclui 200 ilhas e ilhotas, mangais e uma mistura de água doce e salgada.

RESPOSTA **Delta do Saloum, Senegal**

PARTILHE O SEU CONHECIMENTO

Deseja ser publicado?

A Africa Defense Forum (ADF) é uma revista militar profissional que serve como um fórum internacional para militares e especialistas de segurança em África.

A revista é publicada trimestralmente pelo Comando Africano dos Estados Unidos e aborda temas como estratégias de combate ao terrorismo, operações de defesa e segurança, crime transnacional e questões que afectam a paz, estabilidade, boa governação e prosperidade.

O fórum permite que haja um debate aprofundado e intercâmbio de ideias. Gostaríamos de ouvir a opinião de pessoas das nossas nações parceiras africanas que compreendem os interesses e os desafios do continente. Submeta um artigo para publicação na ADF e deixe a sua opinião ser ouvida.

NORMAS PARA PUBLICAÇÃO DE ARTIGOS NA ADF

REQUISITOS EDITORIAIS

- A preferência é para artigos com aproximadamente 1.500 palavras.
- Os artigos podem ser editados para se ajustarem ao estilo e espaçamento, mas a ADF irá colaborar com o autor quanto às alterações finais.
- Inclua uma pequena biografia sua com informações de contacto.
- Se possível, inclua uma fotografia sua de alta resolução e imagens relacionadas ao seu artigo com legendas e informações sobre os créditos da foto.

DIREITOS Os autores mantêm todos os direitos sobre o seu material original. No entanto, reservamo-nos o direito de editar artigos para que estejam em conformidade com os padrões do AP e do espaço. A apresentação do artigo não garante a sua publicação. Ao contribuir para a ADF, você concorda com estes termos.

SUBMISSÕES

Envie todas as ideias de reportagens, conteúdos e dúvidas para a Equipa Editorial da ADF através do **ADF.EDITOR@ADF-Magazine.com**. Ou envie um e-mail para um dos seguintes endereços:

Headquarters, U.S. Africa Command
ATTN: J3/Africa Defense Forum Staff
Unit 29951
APO AE 09751 USA

Headquarters, U.S. Africa Command
ATTN: J3/Africa Defense Forum Staff
Kelley Kaserne
Geb 3315, Zimmer 53
Plieninger Strasse 289
70567 Stuttgart Germany

adf AFRICA DEFENSE FORUM

Está ansioso pela próxima edição?

Em ADF-Magazine.com, trazemos para si uma cobertura aprofundada de questões da actualidade que afectam a paz e a estabilidade todas as semanas. Confira a nossa página da internet e tenha as mesmas notícias fiáveis e credíveis sobre segurança, trazidas semanalmente, cobrindo todo o continente.

FIQUE LIGADO

Caso queira ficar ligado nas redes sociais, siga a ADF no Facebook, Twitter e Instagram ou pode juntar-se à nossa lista de emails, inscrevendo-se na nossa página da Internet, **ADF-Magazine.com**, ou enviando um email para **News@ADF-Magazine.com**.